

# MOVIMENTO ESTUDANTIL: HISTÓRIA E PERSPECTIVAS



CADERNO DE DEBATES  
Volume 03 julho/95

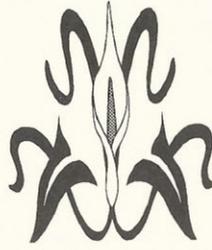


**Executiva Nacional de Estudantes de  
Educação Física**  
Coordenadoria de Ensino, Pesquisa e Extensão

**APOIO:**

**Coordenadoria de Finanças  
Executiva Nacional de Estudantes de  
Educação Física - *ExNEEF* 94/95**

"Não ando do lado da lei  
E a lei não foi ideia minha,  
Mas mesmo que o mundo não gire  
Na velocidade que tu queria"  
(Humberto Gessinger e Nei Lisboa)



"A gente vai ter que inventar  
o que nenhum outro País inventou  
Nós vamos ter que voar  
E vamos voar..."  
(Marina Lima)

"Se lembra quando a gente  
Chegou um dia a acreditar  
Que tudo era pra sempre  
Sem saber, que pra sempre  
Sempre acaba"  
(Renato Russo)



"Quentar o frio  
Requentar o pão e comer por você  
Os pés de manhã, pisar o chão  
Eu sei  
A barra de viver..."  
(B. Vicent)

"Hoje em dia somos todos escritores  
Mas se tudo deu errado  
Quem é que vai pagar por isso?"  
(Kabão e Villanova)

"Alguma coisa está fora da ordem,  
Fora da nova ordem mundial"  
(Caetano Veloso)

"Minha dor é perceber  
Que apesar de termos feito  
tudo que fizemos  
Ainda somos os mesmos e vivemos  
Como os nossos pais"  
(Belchior)

"A gente vai contra a corrente  
Até não poder resistir  
Na volta do barco é que sente  
O quanto deixou de cumprir"  
(Chico Buarque de Holanda)

"As minhas verdades eu invento sem medo,  
Eu faço de tudo pelos meus desejos..."  
(Roberto Fieltri)

"SE ME DEREM UM PEDAÇO DE PLUTÔNIO  
MINHA TURMA SE ENCARREGA DE EXPLODIR  
A POBREZA DAS IDEIAS DESSA GENTE  
QUE COMANDAM O SHOPPING CENTER DO PAÍS"  
(AUGUSTO LICKS, NEI LISBOA)

"As coisas estão no mundo,  
só que eu preciso aprender..."  
(Paulinho da Viola)

"Eh e ô vida de gado,  
Povo marcado  
Povo feliz"  
(Zé Ramalho)



"Ninguém vê onde chegamos,  
Os assassinos estão livres  
Nós não estamos..."  
(Bonfá, Dado e Russo)

## AGRADECIMENTOS

À *Alex Sandro Batista dos Santos*, por todos os contatos estabelecidos.

À *Fernando Faria Corrêa*, por toda dedicação, carinho e paciência dispensadas a este trabalho.

À *Gilnei Tavares*, pela ajuda na elaboração da Arte Final do Caderno.

À *Walter Garcia Filho* e *Rafael Quintana*, pelo envolvimento, apesar da distância, nos momentos mais delicados de construção dessa publicação.

À *Marli Morales Pinheiro*, pela participação, compreensão e afeto.

À *Marcelo Guina Ferreira*, por todas as articulações realizadas.

À *Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, ESEF - UFPel*, por todo apoio à viabilização de mais este trabalho da Coordenadoria de Ensino, Pesquisa e Extensão da Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física - ExNEEF 94/95.

## APRESENTAÇÃO

*Tal publicação foi construída por um grupo que acredita ser a história, um dos canais de explicação para alguns fatos de nosso presente, sendo que no atual momento histórico, faz-se premente a viabilização deste trabalho.*

*Todos sabemos que as coisas já não são mais como eram antigamente. A conjuntura nacional apresenta-se caótica, passível de todas as lutas necessárias de enfrentamento a este Governo autoritário que conduz o Brasil a um buraco muito fundo, e os movimentos sociais não possuem a mesma força que tinham há algum tempo atrás. Será que isto pode ser explicado de forma simples sem merecer um pouco mais de nossa atenção e reflexão?...*

*Pois bem, é claro que a história não explicará tudo, apenas oferecerá um leque de opções para a compreensão de algumas questões passadas que poderão subsidiar novas práticas sociais relacionadas a tal assunto. Diante desse quadro, não é mais possível continuar fazendo Movimento Estudantil ou qualquer outro Movimento Social orientado nos velhos modelos que até então, fundamentaram nossa ação política. E é nesse momento que afirmamos que só a razão não dá mais conta de questões como estas. É necessária sensibilidade e muita percepção para que possamos construir um mundo Novo, e Nosso, no dia-a-dia. Afinal, o que mais tem faltado, senão sentimentos como a solidariedade, o afeto e o amor?*

*Com a certeza de que buscamos a reconstrução desses valores, é que continuaremos lutando e fazendo muito da história que ainda será contada.*

*Maria do Carmo Morales Pinheiro*

EXECUTIVA NACIONAL DE ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
Gestão 94/95

Coordenadoria Geral:

Coordenador: Ari Lazzarotti Filho (Guego) - UFSC  
Suplente: Sandoval Villaverde Monteiro - UFRN

Coordenadoria de Cultura:

Coordenador: Antonio Carlos de Aguiar Lima - UEPA  
Suplente: Maria Janaína Marques da Silva - UFAL

Coordenadoria de Ensino, Pesquisa e Extensão:

Coordenador: Lisandro Lopes Valente - UFPel  
Suplente: Maria do Carmo Morales Pinheiro (Carminha) - UFPel

Coordenadoria de Finanças:

Coordenador: Genildo Magno de Medeiros - UFRN  
Suplente: Alex Sandro Batista dos Santos - UFV

Coordenadoria de Imprensa e Divulgação:

Coordenador: César Pimentel Figueiredo Primo - UFBA  
Suplente: José Marcos Brito Andrade - UFBA

Coordenadoria de Relações Externas:

Coordenador: Ana Lúcia de Lima Santos (Aninha) - UFSM  
Suplente: Ana Cristina Zimmermann (Tina) - UFSM

Comissão Organizadora do XVI ENEEF:

UFU - Uberlândia - MG

Regional Norte:

UFMA - São Luís - MA

Regional Centro-Oeste:

UFG - Goiânia - GO

Regional Sudeste I:

UNESP - Presidente Prudente - SP

Regional Sudeste II:

CEUNES - Nova Venécia - ES

Regional Nordeste:

UPE - Recife - PE

Regional Sul:

UFPR - Curitiba - PR

## INTRODUÇÃO

A Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física - *ExNEEF*, cumpriu nesta gestão, boa parte das deliberações do *XV ENEEF - Encontro Nacional de Estudantes de Educação Física* - realizado em João Pessoa - PB, que diziam respeito ao resgate histórico do *MEEF*. Tendo encampado o Projeto “15 Anos de Movimento Nacional Organizado”, deu conta de várias questões referentes a este assunto, sendo que este Caderno estava na lista de atributos a serem cumpridos. Além de dar continuidade ao projeto Caderno de Debates - *ExNEEF*, em sua Terceira versão, com o tema “*Movimento Estudantil: História e Perspectivas*”, retrata a história do M.E como um todo.

Foi viabilizado, através da Coordenadoria de Ensino, Pesquisa e Extensão da *ExNEEF*, que teve uma preocupação em democratizar ao máximo essa produção. Para tanto, enviou cartas-convites à todas as escolas de Educação Física do país, a ex-militantes do M.E e a professores envolvidos com tal assunto. Após análise dos artigos, entendeu não ser necessária seleção visto a qualidade do material recebido. Tudo isto aconteceu em meio a um final de semestre, final de gestão, contatos com diversas Gráficas Universitárias, vários Administradores e ainda, com uma série de outros projetos em andamento. Cabe ressaltar que os textos são de inteira responsabilidade de seus autores.

O cunho deste caderno se manteve, no sentido de contemplar a diversidade de idéias, ou seja, o debate propriamente dito. Aborda questões não só pertinentes à área da Educação Física como também registra a história do movimento estudantil a nível geral e de outros movimentos sociais.

Taí pra todos conferirem e analisarem o *Caderno de Debates - Movimento Estudantil: História e Perspectivas*, contando e fazendo um pouco de história.

*Saudações Estudantis*

*Ana Carla Dias Carvalho e  
Maria do Carmo Morales Pinheiro*

## Índice

*Fragmentos*

*Agradecimentos*

*Apresentação*

*ExNEEF 94/95*

*Introdução (ao 3º Volume)*

*Índice*

LADAINHA: A RODA NÃO PODE PARAR.....	13
Luiz Vitor Castro Júnior	
MOVIMENTO ESTUDANTIL: a luta por perspectiva, a história por consagração .....	15
Nelson Figueiredo de Andrade Filho	
MOVIMENTO ESTUDANTIL: ONTEM E HOJE .....	25
Florismar Oliveira Thomaz	
MOVIMENTO ESTUDANTIL DE EDUCAÇÃO FÍSICA: EM BUSCA DE RAÍZES HISTÓRICAS. UMA BREVE REFLEXÃO .....	31
Marcelo Guina Ferreira	
OS ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E O MOVIMENTO ESTUDANTIL DE 1980 A 1992 NO BRASIL: UMA QUESTÃO DE EDUCAÇÃO .....	37
Renata Novaes Guimarães Pessoa	
A GREVE DOS ESTUDANTES DE 57 E A EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA .....	41
Victor Andrade de Melo	
MOVIMENTO ESTUDANTIL: HISTÓRIA E PERSPECTIVAS .....	49
Ricardo de F. Lucena	
XIII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: MOVIMENTO ESTUDANTIL E CIÊNCIA .....	53
Marcelo Guina Ferreira e Marcos Avellar do Nascimento	
MEEF: Sonhar e Lutar! .....	59
Humberto Luís de Deus Inácio	
CENTRO ACADÊMICO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ALBERTO LATORRE DE FARIA E O MOVIMENTO ESTUDANTIL NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: A GESTÃO 1992 .....	63
Carlos Fernando Ferreira Cunha Júnior e Hajime Tackeuchi Nozaki	

## LADAINHA: A RODA NÃO PODE PARAR

*Foi agora que eu cheguei, a todos vim cantar,  
Peço permissão aos estudantes para rimar,  
No caderno de debates da executiva,  
Vamos todos a jogar.*

*História e Perspectiva de um Movimento,  
que teve como lema a luta para transformar,  
mas se não conseguimos,  
precisamos juntar as nossas forças,  
pra dar uma rasteira nesse Governo,  
que pega a gente e bota pra quebrar.*

*Tem muita gente que fala na modernidade para mudar,  
mas o que eu vejo são as coisas piorá.  
Não podemos ficar parado, senão o bonde da história vai passar,  
e como já dizia o cabra: "A história do povo não pode se apagá".*

*Afinal, o que é ENEEF?  
Precisamos analisar,  
encontro de estudantes botando pra lá.  
Mas o que é botar pra lá?  
É pensar e buscar uma alternativa de ação política,  
pra construir uma sociedade que venha realmente solidarizar.*

*A história tem vida, talvez não conseguimos guardar  
ao longo desses quinze anos de ENEEF  
uma lógica para poder explicar,  
mas é isso mesmo, o movimento é dinâmico  
e está sempre em processo,  
logo parado não pode ficar.*

*No ENEEF já discutimos:  
Currículo, Formação Profissional, Perfil do professor, Tendências,  
Ciência, Educação, Políticas Públicas e um monte de coisas  
que vem servindo para dar um novo rumo e, nesta área poder atuar.*

*No ENEEF tem muito estudante,  
buscando meio para mudar este país,  
que tem uma classe dominante  
e a todo tempo cospe em sua cara  
e só faz te humilhar.*

*Perspectiva há de sonhar,  
mas sonhar sem luta é melhor não sonhar,  
e ficar dormindo em berço esplêndido  
vendo o tempo da história passar,  
mas se quiser lutar, pode vir com a gente,  
pois temos “arma” para se organizar  
temos que ter cuidado, o caminho é perigoso  
e difícil de trilhar,  
mas não podemos desanimar.  
Já que este movimento é privilegiado,  
porque são poucos os que conseguem chegar no mundo de cá,  
logo temos o compromisso de denunciar e propôr alternativas  
contra o Projeto Neo-Liberal deste Governo autoritário, mentiroso,  
pois já passamos pela fase do descamisado  
e agora vamos ficar pelados  
e o povo faminto vai continuar.*

*Agora camarada, gostaria de lembrar  
O Mestre Pastinha: “Capoeira é tudo que a boca come,  
e tudo que o corpo dá”,  
então nosso corpo tem possibilidades de libertar-se,  
desta prisão que o Capitalismo botou a gente lá.*

*Vou chegando sem terminar,  
pois vamos nos encontrar  
e não podemos parar de gingar.  
Gingar é preciso, senão o feitor  
vem com seu chicote te pegar.  
Desejo a todos força para continuar,  
pois tem muita gente pulando do barco  
dizendo que isso já passou, não serve mais  
e faz uma opção de ficar a favor da correnteza  
e deixando se levar.  
Já que temos fôlego, vamos nadar contra a maré  
ou então, entregar esse Brasil aos donos do Capital  
AXÉ CAMARADA, A RODA GIGANTE NÃO PODE PARAR*

*Luis Vitor Castro Júnior \**

---

\* Professor de Educação Física Licenciado pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

# **MOVIMENTO ESTUDANTIL:**

*a luta por perspectiva, a história por consagração.*

*Nelson Figueiredo de Andrade Filho\**

“(...) ainda sou estudante da vida que eu quero dar.”  
(Belchior)

## **Introdução**

Poderíamos escrever este texto a partir da história das lutas dos estudantes no planeta terra, em todos os tempos, em outros espaços. Não o fazemos por entender que a nossa própria história tem traços comuns que a qualificam digna representante dos valorosos anseios da juventude humana, civilizada/poética, mais aguerrida em todos os quadrantes e países.

O Movimento Estudantil Brasileiro tem o melhor aspecto cultural dos movimentos sociais libertários. É combativo e democrático popular, sofre refluxos mas se reergue, fundamentalmente em alguns momentos determina o sentido do curso histórico da sociedade. Não fosse assim, como se explicaria o desejo permanente dos governos de tutelá-lo e reprimí-lo e por outro lado, a sua resistência com movimentos de cultura política, como nos anos 60 e 90 deste século(?).

Especialmente na área de Educação Física, o Movimento Estudantil tem longa história de vida e de lutas. Posições assumidas não menos decisivas para o sentido do curso da história daqueles apaixonados pelo direito e liberdade da Cultura Corporal coletiva.

## **O Movimento Estudantil Brasileiro das suas origens históricas a 1964**

O Movimento Estudantil Brasileiro está presente na história das lutas sociais, democrático populares ou não, desde o século XIX por ocasião das lutas abolicionistas e republicanas. Um risco que corre desde então é a sua apropriação conjuntural pela ideologia oficial ou dominante.

Nadai(1987;166/67 e 128/30), demonstra a perspectiva ideológica oficial contida na formação superior de estudantes de agronomia e medicina das Escolas Superiores Isoladas de então, na medida em que os primeiros por serem filhos de agricultores eram estimulados

---

\* Professor do Departamento de Ginástica do CEFD/UFES.  
Ex-Presidente do C.A. João Carlos de Oliveira, da UFPB, gestão 1983/1984.

a enriquecerem a partir do seu próprio trabalho manual e não eram estimulados a perceberem a sua relação de assalariados ao trabalharem para o Estado; enquanto os outros, eram estimulados a serem profissionais liberais para servirem as famílias burguesas e a serem funcionários públicos, porém, não assalariados. Ambas as profissões eram incitadas a formação moral patriótica.

Cunha(1986:192), diz que embora nem todos os estudantes tivessem participação política ativa, os estudantes de nível superior participaram dos conflitos políticos sociais da primeira república. Por vezes ao lado dos trabalhadores e populares, por vezes ao lado da pequena burguesia e burguesia.

Em 1901, estudantes de escolas superiores isoladas, socialistas e anarquistas fundaram a Federação de Estudantes Brasileiros, e participaram ativamente junto aos trabalhadores e populares nas manifestações contra os aumentos dos bondes da companhia canadense que explorava os transportes coletivos no Rio de Janeiro e em São Paulo entre 1901 e 1909.

A partir de 1909 estudantes pequeno burgueses e burgueses participaram da campanha civilista de Rui Barbosa, candidato a presidência da república contra o Marechal Hermes da Fonseca. “Sua participação foi habilmente capitalizada pelo candidato oposicionista, Rui Barbosa, protestando contra a violenta repressão policial-militar a um cômico e tradicional desfile de estudantes cariocas comemorando a chegada da primavera, tendo sido mortos dois deles.”(Cunha; 1986:193). Esse “cômico desfile” naquele momento lutava pelo estabelecimento do voto secreto. Outrossim, teriam nomes os estudantes que morreram? A qual matiz político pertenciam?

Segundo Sanfelice(1986:11), em 1910 ocorreu em São Paulo o Iº Congresso Nacional dos Estudantes, certamente influenciado pelo Iº Congresso dos Operários Brasileiros ocorrido também em São Paulo em 1906.

Em 1914, juntas as diversas correntes do Movimento Estudantil, protestaram numa grande manifestação no Rio de Janeiro contra os militares e o estado de sítio imposto à população.

Após 1915, no contexto da 1ª guerra mundial, a burguesia industrial muda de ação contra a burguesia agrária, se aproxima do exército através de uma campanha militarista e nacionalista a partir da figura de Olavo Bilac, ex-militante estudantil que pregava adesão estudantil ao exército, sendo inclusive, resultado desta campanha o temível serviço militar obrigatório. Em 1919, novamente os estudantes pequenos burgueses e burgueses, apoiaram Rui Barbosa, agora, contra Epitácio Pessoa. Como acontecera na disputa contra Hermes da Fonseca, perderam e perderam mais, pois em 1924, no governo Arthur Bernardes, os estudantes paulistas fundadores anos antes da Liga Nacionalista de São Paulo tiveram sua organização fechada, “pois as oligarquias temiam perder o “monopólio do patriotismo”(Cunha; 1986:193).

A grande ironia do período é que em 1917 os estudantes negaram apoio aos sindicatos paulistas, quando estes propuseram Greve Geral. Não só negaram apoio, como deduraram ao Governo Estadual a intenção dos trabalhadores, inclusive se oferecendo para substituir trabalhadores em greve.

Por essas e outras, em 1925 a reforma Luiz Alves e Rocha Vaz(decreto 16.782-A) afim de impedir outras ideologias que não a oficial no currículo escolar, introduziu a cadeira de instrução moral e cívica no ensino primário e secundário e os exames de admissão para verificar tais conhecimentos e para evitar crises maiores, foi instituída nas escolas

secundárias a polícia escolar semelhante a polícia acadêmica já existente no ensino superior: política de orientação La Salleana, onde o monitor ou aluno exemplar da sala fiscalizava os demais e até os professores. Previu-se ainda associação de estudantes contemplados com a gratuidade do ensino, que à época era negada aos demais estudantes tanto em escolas públicas quanto em escolas privadas, para tanto cada escola superior e agora secundária conformaria com 5 alunos gratuitos. Em caso de faltas graves, injúrias verbais ou escritas contra professor ou autoridade, haveria julgamento sumário, cabendo recurso apenas a altas autoridades, sendo estipuladas penas de advertência e exclusão de estudos de todas as escolas nacionais.

A lição que se tira do período é que pelo erro político de alguns estudantes de nível superior, o governo impôs uma violenta política repressiva para todos os estudantes.

Segundo Martins Filho o Movimento Estudantil brasileiro é tardio em relação a outros países da América Latina, embora, antes da criação da UNE tenham existido entidades como a União Democrática Estudantil, A Frente Democrática da Mocidade e a Federação Vermelha dos Estudantes, organizando parcelas dos estudantes, a ausência de uma organização unitária nacional impediu a existência prolongada destas entidades e uma maior penetração na categoria estudantil. “ Assim, antes da criação da UNE é possível falar da participação circunstancial dos estudantes, mas não ainda de um movimento unificado em torno de alguns objetivos comuns.”(Martins Filho; 1987:16).

Isso não só permitiu que os estudantes no final da década de 20 e na década de 30 se envolvessem com políticos e políticas antipopulares e elitistas, como no contexto da revolução burguesa brasileira, se afinassem com o governo Vargas em suas fases populista e autoritária.

Para conferir efeito nacional a relação entre os estudantes e o governo federal, deve-se verificar o estudo de Justina Iva de Araújo Silva: Estudantes e Política: estudo de um movimento(RN 1960-1969), quando a autora demonstra que entre 1935 e 1949 no Rio Grande do Norte, predominou o Movimento Estudantil Secundarista de caráter cultural erudito, com forte imprensa e apoio político as forças conservadoras locais, formando quadros dirigentes para o estado e posicionando-se contra o conservadorismo da Igreja católica. “Foi em meados dos anos 40 que começaram a se manifestar as preocupações dos secundaristas norte rio-grandenses com temas mais atuais, tais como a questão do totalitarismo e do papel da educação na formação dos jovens. Outras questões, como a campanha contra os países do eixo, contra a ditadura interna e a criação da Juventude Brasileira, lideradas pela UNE, parecem não ter interessado os secundaristas potiguares.”(Silva; 1989:30)

Nesse contexto, Martins Filho argumenta ainda que, além de só ser possível falar numa participação circunstancial dos estudantes antes da criação da UNE, passagens circunstanciais na história do Movimento Estudantil apontam para uma constatação controversa, mas de fundamental importância: “é impossível atribuir à participação do estudante um caráter genérico e imutável, conferindo-lhe conteúdos e objetivos permanentes.”(Martins Filho;1987:17). Sendo necessário um estudo aprofundado sobre a situação de classe do estudante brasileiro como fator primordial para a definição dos valores da sua participação social. Assim, não é correto aprioristicamente afirmar-se a identidade de classe estudantil como a identidade de classe operária, pois a transitoriedade do primeiro aliado a heterogeneidade da sua classe de origem pressupõe uma permanente busca de ascensão social que pode ser conquistada em alianças com as classes dirigentes,

principalmente se o estudante desde cedo não for levado a refletir sobre as condições de produção de sua formação profissional, essa sim de caráter permanente.

As divergências de Martins Filho(1987:16), com outros autores, estudiosos do Movimento Estudantil brasileiro, não se limitam apenas a sua caracterização e conceituação social, envolvem a própria data da criação da UNE. Para o autor citado, é efetivamente em 1938, portanto pós Estado Novo que se funda a UNE. Para Sanfelice(1986:4), é as vésperas do Estado Novo, portanto em 1937, que a UNE foi fundada.

Martins Filho, nesta argumentação como de resto em sua fundamentação concorda com Cunha(1987:17), que dá 1938 como data do nascimento da UNE no contexto da nova realidade universitária em seu processo de modernização. Para Sanfelice, baseado em histórico elaborado pela diretoria da UNE, a entidade é sucessora da casa do Estudante do Brasil(CEB), que em 1932 atendendo a exigência estatutária elegeu uma diretoria para o Conselho Nacional de Estudantes, afim de cumprir compromissos internacionais representando-se como a União Nacional dos Estudantes. A UNE era então um órgão da CEB presidida pela presidente vitalícia da entidade, a Sra Ana Amélia Carneiro Mendonça, juntamente com o presidente do Conselho Nacional de Estudantes.

Um fato histórico e duas versões. Uma parece fazer parte dos marcos da história oficial, a outra nem tanto. De concreto fica a discordância acerca das fontes. Talvez, dado ao polêmico IIº Congresso Nacional dos Estudantes realizado em 1938, organizado por estudantes contra a vontade da presidente vitalícia da CEB.

Entretanto, apesar do populismo e do autoritarismo da Era Vargas a UNE nasceu alinhada com as forças populares antiimperialistas. A sua primeira diretoria eleita no congresso de 38 defendia firmemente a intervenção estudantil na realidade do país.

Nos primeiros 17 anos de vida a UNE não pode se estruturar rapidamente em função do baixo nível de politização estudantil, do domínio do movimento pela direita e em função dos rumos políticos e econômicos do país. Só a partir de 1956, já no governo de Juscelino K. de Oliveira, sob o comando da esquerda estudantil a UNE fugiu ao controle do MEC e partiu para a mobilização dos estudantes em torno de uma plataforma política nacionalista, contra o capital estrangeiro e os acordos Brasil-EUA. Em 1957 a UNE promoveu o Iº Seminário Nacional de Reforma do Ensino em Salvador, quando fez uma leitura crítica da realidade política e se engajou na campanha em defesa da escola pública dentro da lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Entre 56 e 60 revesaram-se as forças progressistas no comando da entidade; socialistas, comunistas, católicos da Juventude Universitária(JUC), e depois da ação popular(AP).

Sob a presidência de Aldo Arantes, eleito em 1961 no congresso de Niterói, a UNE viveu uma de suas fases mais ricas em termos de elaboração política. Em 1962 foi organizado o IIº Seminário Nacional de Reforma Universitária em Curitiba, donde concluiu-se que o problema da reforma universitária estava relacionado com o problema das reformas sociais de base, visto que tanto numa quanto na outra o povo estava perdendo o direito de participar. Para mobilizar os estudantes e o povo a UNE lançou mão da tática volante, quando percorreu o Brasil em caravana levando as propostas do seminário de Curitiba. Além disso, fez a Greve do 1/3, reivindicando que fossem democratizadas as estruturas das universidades com a participação de 1/3 de estudantes em todos os órgãos colegiados.

Com a renúncia de Jânio Quadros em 1961, a UNE uniu-se a “Rede da Legalidade” capitaneada pelo então governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, decretando Greve Geral em defesa da constituição, até que o Congresso Nacional aprovou uma emenda

parlamentarista, mantendo o estado democrático e permitindo a posse do vice-presidente, João Goulart, que em 1963 assumiu o governo central do país, quando após um plebiscito se reestabeleceu o sistema presidencialista até que em Março de 1964 veio o Golpe Militar.

## O Movimento Estudantil Brasileiro pós-64

Depois do Golpe Militar os estudantes ao lado dos trabalhadores aliaram-se na defesa de uma nova ordem social para o Brasil. Para Cunha, foi o “deslocamento de canais de ascensão” das classes médias que colocou o segmento estudantil em luta contra o regime ditatorial. “A manutenção do jovem de camada média na escola superior gera a dependência do estudante à família, legitimada pela “ética da responsabilidade”; de um lado ela garante os recursos materiais para que o jovem realize, através da ocupação futura, as aspirações sociais da família; de outro, o jovem assume o “compromisso da retribuição”, pelo qual se compromete a se empenhar na busca do diploma e através dele, da ocupação de que depende o destino da família e, no limite de sua camada social em busca de ascensão.”(Cunha; 1989:63). Desse modo o estudante ajusta-se ao modelo social capitalista que tem na família a célula mãe.

A visão de Cunha é elaborada a partir dos estudos de Marialice Foracchi “O Estudante e a Transformação da Sociedade Brasileira” de 1965, dela também campartilha Martins Filho.

Nessa visão, o diploma não garante a ascensão perseguida e o estudante tende a reberlar-se, ou abandonando o curso, ou mudando de carreira, ou se revoltando contra o currículo e os professores do curso que escolheu, ou, por fim, contra a realidade da ordem social na medida que entende ser preciso transformar a ordem social que condiciona sua carreira e a vida da população em geral. Assim, é a frustração com o projeto de carreira que revela uma consciência crítica para o estudante que deseja ascensão social.

Segundo essa análise, foram esses jovens que constituíram e conformaram o Movimento Estudantil pós-64, principalmente quando perceberam que tanto a Igreja, quanto a escola eram aparelhos de estado responsáveis pela manutenção da ordem e modernização da formação. Para Cunha, as condições políticas da época favoreceram o estudo da teoria materialista da história, o marxismo e a luta de classes, e isso foi importante para a resistência política de qualidade. Essa discussão influenciou não só socialistas e comunistas, mas os cristãos, o que provocou uma “profunda divisão do espaço social católico”(Cunha; 1989:70).

A estratégia do Movimento Estudantil nos anos 65-66, foi combater a repressão imposta pelo estado militar, desejando no fundo levá-lo ao isolamento político frente a sociedade.

Por outro lado, o terror cultural promoveu intervenções autoritárias nas principais organizações estudantis. “A UNE, a Ação Popular, a JUC, e o PCB mereceram inquéritos especiais”(Martins Filho; 1987:83). A antipatia ao regime aumentou com a lei do ministro Flávio Suplicy de Lacerda. Esta lei visava extinguir a UNE e estabelecer uma nova estrutura de representação estudantil controlada pelo estado.

A partir desse momento as correntes liberais, que acalentavam a idéia de “limpeza” na UNE, discordaram do regime e isso motivou a participação de organizações estudantis, consideradas de direita no processo de resistência ao golpe. Para Martins Filho a idéia de

extinção da UNE, não é dos liberais e sim da Doutrina de Segurança Nacional, o que coloca a UNE e o Movimento Estudantil da época, como preocupação central da Escola Superior de Guerra, a ESG.

De fato o que os militares desejavam era quebrar a autonomia da UNE como o fizeram com o velho sindicalismo, atrelando-o ao estado. Mas, a UNE reagiu organizando um plebiscito contra a lei suplicy em 1965. Na Guanabara os votos contrários somaram 80% de um total de 24.513 estudantes que se manifestaram. Assim, fortalecida em 1966 a UNE ampliou o seu programa de ação política; além de questões educacionais, a violência policial-militar foi enfrentada com mobilizações pela solidariedade estudantil e com denúncias contra a repressão.

Os militares se sentiram ameaçados e defenderam uma ação psicossocial para controlar a sociedade civil, assim, justificaram a repressão como a luta contra a desordem pretendida pelo comunismo. Nessa polarização a esquerda cresceu no movimento estudantil, visto que os liberais não se propunham a enfrentar radicalmente aos militares.

Em 1965 a UNE realizou o seu último congresso legal, pois já em 1966 a polícia e as forças armadas foram acionadas para impedir a realização do 28º Congresso da União Nacional dos Estudantes, previsto para se realizar em Belo Horizonte. O mesmo aconteceu em São Paulo com o congresso da UEE paulista, vários estudantes foram presos. Esses acontecimentos em julho motivaram a “setembrada” um mês de intensa mobilização, onde o ponto alto foi o 22 “Dia Nacional de Luta Contra a Ditadura”. Esta fase se encerrou no Rio de Janeiro com o “Massacre da Praia Vermelha”, onde a fúria militar ultrapassou todas as leis dos direitos humanos.

Para Martins Filho o período de 64-66 não indica que o Movimento Estudantil tenha saído das suas reivindicações políticas específicas para reivindicações políticas mais gerais. Vladimir Palmeira, importante líder da época, diferentemente entende que os estudantes evoluíram da sua situação contraditória específica para perceber a inviabilidade da universidade pública no sistema capitalista. (Martins Filho; 1987:103).

Para se ter uma idéia da mobilização daqueles anos, entre 64-65 os estudantes fizeram 16 greves contra demissão de professores, terrorismo cultural/punição de dirigentes, reivindicações por hospital e transferência de campus, condições de ensino, crise da universidade, lei suplicy de Lacerda, invasão de campus, preços de refeição, fechamento de restaurantes em SP, RJ, PE, DF, SC, MG; no 1º semestre de 1966, foram 14 boicotes, atos públicos, greves, acampamentos, passeatas, invasão de RU por causa de pagamento de anuidades, aumento de taxas, transferência de excedentes, política educacional, violência policial solidariedade aos estudantes mineiros, atraso de salários, demissão de professores, punição de líderes em SP, MG, RJ, PR, SC; no 2º semestre foram 39 atividades como congressos, boicotes, greves, passeatas, comícios, cercos após invasão, julgamento simulado, campanha do luto, atos públicos por causa de anuidades, política educacional, repressão, solidariedade a estudantes presos, Dia Nacional de Luta Contra a Ditadura, eleição indireta para presidente da república, no RJ, RS, PE, SP, SC, MG, BA, GO, PR, DF e pelo menos um ato de Greve Geral em todo o país em 23 de setembro de 1966.

Em 1968 nova fase de enfrentamento teve início, no restaurante universitário “Calabouço” no Rio de Janeiro, a polícia matou o estudante Edson Luiz de Lima Souto. Em seguida, nos protestos contra o 4º aniversário do golpe, durante o governo Costa e Silva, mais três estudantes foram mortos, no Rio Jorge de Paula e Davi Neiva e em Goiânia, Ivo Vieira, além de vários feridos e presos.

Esta foi uma época de muitos manifestos por parte da imprensa, Igreja, “pode-se dizer que, no ano de 1968, a mobilização contra o processo de violência e dos rumos do governo militar ultrapassou o meio estudantil.”(Sanfelice; 1986:146). É dessa época a famosa passeata dos cem mil, onde policiais a cavalo foram derrotados por estudantes com atiradeiras e bolas de gude. Réplica da luta de Davi contra Golias. Houve também a batalha da rua Maria Antônia em São Paulo, luta campal entre estudantes de esquerda da faculdade de filosofia da USP, contra estudantes de direita da Universidade Mackenzie.

Não obstante, os militares endureceram, proibiram passeatas, invadiram a UNB, elaboraram planos de sequestros e liquidação dos opositores estudantes, professores, políticos de esquerda, etc. tudo em nome de impedir a reorganização democrática da esquerda, que para eles significava o avanço do comunismo no país. Assim, impediram a realização do 30º Congresso da UNE, instalado em Ibiúna/SP, prendendo cerca de 800 estudantes.

Entre as dificuldades do Movimento Estudantil destacaram-se a falta de unidade, avaliações ilusórias quanto ao potencial e aos rumos do movimento, a ausência de uma sólida aliança de classes com os trabalhadores, a impossibilidade de dialogar com o governo.

Assim, no mesmo ano após fechar o Congresso nacional, no mês de dezembro o governo militar editou o AI-5 e já, no início de 1969, editou o decreto-lei Nº 477, definindo penas disciplinares contra professores, estudantes e funcionários de estabelecimentos de ensino públicos ou privados. Estava autorizada a reforma universitária. Extinguiu-se a cátedra vitálicia, instituiu-se o regime departamental, os cursos semestrais e outros pontos modernizadores. Outros atos institucionais foram editados para setores da sociedade, inclusive alterando o texto da constituição de 1967. Nesse contexto, eclodiram as guerrilhas comandadas por Carlos Marighella(ALN), Carlos Lamarca(VPR) e PC do B, insurreições que foram violentamente reprimidas como condição para o estabelecimento do milagre brasileiro do governo Médice nos anos 70.

Daí, com o extermínio acentuado de vários representantes políticos dessa geração, só em 1978, depois dos governos Geisel e Figueiredo, com a reabertura a UNE voltou a se rearticular como havia feito até o congresso de Ibiúna. Contudo, o avanço político propiciado pela intensa história de lutas produzidas pelos estudantes e pela UNE, não foram esquecidas e relegadas a uma plano secundário ou inferior. Possivelmente foi essa tradição de lutas em defesa da soberania do Brasil que motivou a reorganização do Movimento Estudantil nos anos 80 e que chegou ao seu ápice, recentemente, com novos caras pintadas no episódio do impedimento do governo Collor. Entre esses estudantes e juntamente com a UNE sempre estiveram os estudantes de Educação Física.

## **Movimento Estudantil na Educação Física**

Os registros mais interessantes acerca do Movimento Estudantil na Educação Física, acham-se nos depoimentos colhidos por Castellani Filho no seu “Educação Física no Brasil: a história que não se conta”, principalmente os depoimentos dos professores Alberto La Torre de Faria e Vinícius Ruas, que relatam as lutas históricas dos estudantes de Educação Física nos anos 50. Novos registros são esperados com o trabalho que vem sendo organizado por Cezar Rios, sobre a história recente do Movimento Estudantil na Educação Física brasileira.

La Torre de Faria e Vinícius Ruas (Catellani Filho; 1988:130 a 162), mostram que na década de 50 a politização dos estudantes de Educação Física era incipiente, agora o sabemos, tanto quanto em todo o Movimento Estudantil da época. Apesar disso, os estudantes de Educação Física atuaram na UNE e em um dos seus congressos (em Friburgo/RJ) criaram a União Nacional dos Estudantes de Educação Física, que teve vida curta, mas se projetou bem a partir de uma extensa greve que derrubou o diretor da Escola Nacional de Educação Física, o médico e literato, Pelegrino Júnior.

A greve citada durou 6 meses, foi liderada pelos estudantes Vinícius e Estela e alcançou projeção nacional. Outras lutas encetadas no período foram contra o preconceito ao estudante negro, Floriano Manhães, proibido de frequentar aulas de natação junto com a sua turma; e pela desmilitarização da escola, quando estudantes negaram-se a cantar o hino nacional como era da praxe.

Nos anos 60, o principal fato que enredou a Educação Física ao Movimento Estudantil, adveio da determinação do Decreto-lei N° 705/69 que no auge da ditadura militar impôs à Educação Física como método de alienação, para colaborar na prática desportiva nas universidades visando a desarticulação do Movimento Estudantil Nacional (Castellani Filho; 1988:121).

Passados os anos de ditadura, os estudantes de Educação Física sintonizados com as aspirações sociais de redemocratização da vida política do país, organizaram-se a partir do 31° Congresso da UNE em Salvador em 1980 e criaram os Encontros Nacionais de Estudantes de Educação Física-ENEFF's.

A década de 80 foi de intensa mobilização estudantil na área. No debate acerca da redemocratização do país, da formação social e política do profissional de Educação Física, os ENEFF's se firmaram como o mais legítimo fórum de lutas da categoria estudantil no país.

Lutou-se pela desmilitarização das faculdades após o golpe de 64, exatamente como havia sido feito pelos estudantes brasileiros após a ditadura Getulista; lutou-se pelas eleições diretas para presidente da república e pintou-se a cara em Santa Catarina em 1985, como posteriormente aconteceu com todo o movimento estudantil nos anos 90 no advento do impeachment de Collor; lutou-se pela mudança de paradigmas para a formação nas escolas superiores e pela redefinição conceitual a nível de escolas de 1° e 2° graus. Temos novos currículos e status de disciplina nas escolas primária e secundária.

Após 15 ENEFF's chegamos aos anos 90, com perfil de profissionais formados com competência técnica e compromisso político, contudo, preocupa-nos a queda do nível de militância, no que isso pode mistificar a leitura crítica da realidade frente ao aumento e agravamento dos problemas sociais e políticos do país.

Ainda assim, saudamos a efetivação de uma visão crítica acerca da produção de conhecimentos organizada pela EXNEEF, bem como a retomada de posições e bandeiras de luta em defesa da autonomia universitária com forte participação de estudantes de Educação Física, como vemos acontecer ao menos aqui na UFES. Torna-se necessário agora, fundir a nossa experiência acumulada. Como atar sensibilização, mobilização, organização e produção de conhecimentos e políticas que indiquem os futuros passos a seguir coletivamente?

Por fim, gostaria de alertá-los, pois o debate entre as tendências do consenso e do conflito “está instaurado, e aos conservadores só resta a alternativa que tanto criticam: a militância política. Militância conservadora, mas militância antes de tudo” (Oliveira;

1994:26). Só não se espere que a militância conservadora venha a ser praticada escrupulosamente, ela já vem sendo praticada a muito tempo na surdina, nunca à moda explícita, mas à moda conservadora ou seja oculta. Só isto explica porque não morrem as suas bandeiras, porque existem e se expandem, a exemplo agora na luta pela produção de conhecimentos ao monopolizarem as bolsas de financiamento nos programas de iniciação científica na maioria das nossas universidades.

### **CONCLUSÃO.**

O que procuramos mostrar com essa retrospectiva, foi um pouco da longa e importante história do Movimento Estudantil brasileiro. Muito do que diz respeito ao M.E. e é desconhecido da atual geração de jovens estudantes pode ser encontrada nas referências bibliográficas citadas e em outras obras, que não tivemos oportunidade de consultar, tais como os textos de Álvaro Vieira Pinto, Marialice Foracchi, Arthur José Poener, entre outros.

Compreenda o estudante de Educação Física que muito ainda há por fazer e que pouco será feito, se a sua participação não for intensa como deve ser a participação de intelectuais comprometidos e competentes.

Por isso, a nossa perspectiva é a luta e a história é a nossa fonte da juventude, enquanto cidadãos de uma nação que se quer soberana e que haveremos de herdá-la para as futuras gerações no nosso país e no mundo.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Castellani Filho, L.- **Educação Física no Brasil: a história que não se conta.** Campinas, SP: Papirus, 1988.
- Cunha, L. A.- **A Universidade Temporã.** 2ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 1986.
- \_\_\_\_\_ - **A Universidade Crítica: o ensino superior na república popular.** 2ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 1989.
- Martins Filho, J. R.- **Movimento Estudantil e Ditadura Militar: 1964/1968.** Campinas, SP: Papirus, 1987.
- Nadai, E.- **Ideologia do Progresso e Ensino Superior: (São Paulo 1891-1934).** São Paulo, SP: Loyola, 1987.
- Oliveira, V. M. de- **Consenso e Conflito da Educação Física Brasileira.** Campinas, SP: Papirus, 1994.
- Sanfelice, J. L.- **Movimento Estudantil: a UNE na resistência ao golpe de 64.** São Paulo, SP: Cortez: Autres Associados, 1986.
- Araújo Silva, J. I. de- **Estudantes e Política: estudo de um movimento(RN 1960-1969).** São Paulo, SP: Cortez, 1989.

## MOVIMENTO ESTUDANTIL: ONTEM E HOJE

*Prof. Florismar Oliveira Thomaz\**

Na década de 50, o movimento social mais significativo, que aconteceu no nosso país, foi o da defesa da soberania nacional, tendo como referência a preservação do petróleo brasileiro, contrapondo-se aos interesses capitalistas internacionais de apropriação e exploração do nosso subsolo. Os estudantes saíram às ruas, juntamente com os trabalhadores organizados, para divulgar e sensibilizar a população sobre a importância do petróleo para os brasileiros, dando volume e consistência à grande campanha cívica nacional denominada de *Petróleo é Nosso*, que resultou na criação da PETROBRAS.

Nos anos 60, antes mesmo do violento golpe capitalista, protagonizado pelas forças armadas a serviços de poderosos interesses econômicos, que assolou o nosso país em 1964 e também, e principalmente, após a implantação da ditadura militar no Brasil, os estudantes lutaram contra as reformas educacionais no país, denunciando os convênios MEC/USAID, como um *planejamento ideológico* da educação, feito por técnicos americanos, visando a *dominação cultural* do povo brasileiro, “impondo ao país modelos educacionais que haviam sido utilizados nos Estados Unidos antes da década de 20 [...]. A resistência até 1970 foi muito grande e conseguiu frustrar muitos dos objetivos imperialistas” (citado por GADOTTI, in ARAPIRACA, 1982, p. VII).

Apesar de terem sustado, embora parcialmente, uma intervenção explícita e escancarada dos Estados Unidos no Brasil, os movimentos sociais foram muito castigados com torturas, prisões, execuções e exílios das principais e legítimas lideranças populares, pois essa era a forma predominante de controle político utilizada pelos poderosos do mundo naqueles tempos.

Na década de 70, uma vez implantado *boca-abaixo*, aos educadores e estudantes brasileiros, um pacote de legislações para a educação do povo, dentre elas a Lei 5692, seguindo a lógica da teoria do capital humano, onde o conhecimento e a educação passavam a ser tratados como mercadorias e as escolas como empresas produtivas, a tática mudou. Em vez de trazerem técnicos americanos para o Brasil, começaram a mandar cientistas e educadores brasileiros para receberem formação técnica nos Estados Unidos. Porém essa mudança tática tinha um objetivo estratégico muito claro. Basta percebermos que muitos dos nossos atuais cientistas e professores universitários, inclusive, toda a equipe econômica do governo atual, foram contemplados com uma excelente formação técnica nas melhores escolas do capitalismo mundial, justamente a partir daquele período.

Foi ainda visando uma ação estratégica, que foram implantadas e consolidadas redes de comunicações altamente sofisticadas, lideradas pela Rede Globo, constituindo-se num grande império de comunicações, que não só abafava e distorcia, de forma fantástica, todas as reclamações e reivindicações dos movimentos populares, como utilizava-se, com muita competência, de uma pedagogia política, a pedagogia da despolitização, entrando nas casas das pessoas, através da indústria do *marketing*, para criar no imaginário das massas populares um conjunto de representações simbólicas que reforçavam a *ideologia da segurança nacional*. Isso era desenvolvido, alertando a população brasileira contra as

---

\* Prof. Adjunto IV da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas.

*infiltrações subversivas* no movimento estudantil, sindical e popular. Era preciso proteger-se e proteger os filhos contra os *perigos externos*, os *inimigos ocultos*, as *ideologias alienígenas*, que eram os fantasmas do *Movimento Comunista Internacional*. Ao mesmo tempo era exaltado o *milagre brasileiro*, as vitórias da seleção canarinho e a solidariedade do povo, o Brasil como grande potência mundial, a ausência de conflitos sociais no nosso território, enquanto nos outros países deflagravam-se guerras, ações terroristas, revoluções, conflitos sociais, massacres e violências. Segundo os noticiários, novelas e propagandas, o Brasil era o melhor país do mundo. Aqui prevalecia a harmonia e a cordialidade entre as pessoas. Os brasileiros eram ricos, felizes e *bons de bola*. Era o início das bases para atingir a modernidade contemporânea.

Embora desorganizadas, pelo violento desmantelamento das organizações populares e estudantis, as lutas daquela época eram, por um lado, de resistência aos mestres e doutores formados pelo imperialismo, os educadores e cientistas pró-americanos defensores dos ideários liberais no Brasil: o culto da propriedade privada, a liberdade de mercado, o tecnicismo e o anticomunismo. Ao mesmo tempo, apesar de muita repressão, física e psicológica, desencadeavam-se as pressões políticas *contra a censura e pela anistia aos presos e exilados políticos*, visando o retorno ao país e às universidades dos professores e estudantes vitimados pela ditadura militar. Começava a então denominada *abertura democrática*, que foi ao mesmo tempo uma conquista dos trabalhadores, mas também, para não sermos ingênuos, mais uma tática, visando a nova estratégia de dominação, que começava a ser construída.

Apesar da investida *pacifista*, comandada pela Rede Globo no período anterior, na década de 80, os metalúrgicos do ABC recriaram o movimento sindical combativo, contrapondo ao peleguismo e ao assistencialismo atrelados (incentivados e patrocinados) ao Estado, enfrentando o regime militar e lutando pelos direitos dos trabalhadores. Ao mesmo tempo, estudantes e trabalhadores das universidades retomaram as suas formas autônomas de organização. A UNE foi reconstruída para iniciar o encaminhamento das lutas estudantis, surgiu a ANDES, como entidade representativa dos professores universitários e posteriormente a FASUBRA, congregando os servidores técnico-administrativos.

O acúmulo das dívidas com os patrocinadores do golpe capitalista de 1964, principalmente os Estados Unidos, e o afastamento dos fantasmas da revolução popular no Brasil, levaram os capitalistas nacionais, dirigentes do Estado, a iniciarem uma distensão política, acompanhada do acirramento das pressões econômicas sobre as populações urbana e rural, para cumprirem os acordos com o FMI de pagamento da Dívida Externa. O aumento do desemprego, o arrocho salarial, as dificuldades de renda, a falta de recursos para o investimento dos micro e pequenos produtores do campo e da cidade obrigaram outras categorias importantes da classe trabalhadora a se reorganizarem para lutarem por seus direitos. Ressurgiram nesse contexto os movimentos de bancários, trabalhadores nas indústrias da alimentação, comerciários, trabalhadores rurais, professores e servidores públicos, dando origem à CUT e ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

A retomada dos movimentos sociais, associados ao crescimento do sentimento nacional contra a ditadura militar e pelo retorno às liberdades democráticas no país, culminaram na grande mobilização popular pelas *Diretas Já!* e, posteriormente, por uma *Assembleia Nacional Constituinte Democrática: Livre, Soberana e Exclusiva*. É interessante lembrar que esses movimentos terminaram encontrando eco inclusive na Rede Globo e em muitos políticos conservadores.

A centralidade das lutas nas universidades passavam pela gestão autônoma e democrática. Lutavam-se por eleições diretas dos dirigentes em processos que se esgotassem nos âmbitos das próprias instituições; com a participação dos três segmentos das comunidades. Reivindicavam-se mais verbas para o funcionamento das escolas e recursos para a produção científica e tecnológica voltada aos interesses nacionais. Neste bojo estavam a defesa do ensino público e gratuito para todos e em todos os níveis e da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Possivelmente as lutas mais importantes, travadas nesse período pelos movimentos universitários, tenham sido as de resistência às investidas dos sucessivos governos, antes e após a *Aliança Democrática* de Sarney (fim do regime militar) tentando efetivar as tais reformas universitárias, consubstanciadas com maior clareza no conhecido *Projeto GERES*, elaborado por uma *Comissão de Notáveis*, indicada pelo Governo Federal e denominada de Grupo Executivo para Reformulação da Educação Superior. Essas reformas mantinham o mesmo eixo dos *Convênios MEC/USAID*, agora elaborados não mais por técnicos americanos, mas por técnicos brasileiros americanizados, para adaptar a produção do conhecimento universitário brasileiro às lógicas do mercado e da livre concorrência.

Neste período, com a ajuda dos movimentos sociais organizados, a população brasileira conquistou uma nova Carta Constitucional, que apesar de ter sido elaborada por um Congresso Nacional, auto-intitulado Constituinte, de perfil majoritariamente conservador e, mesmo golpeando a vontade dos trabalhadores organizados, garantiu direitos importantes à maioria da nossa população. Sem dúvida, a maior vitória dos movimentos brasileiros nesse período foram as eleições diretas em todos os níveis, não só para Presidente da República, mas também para Reitores de Universidades, Diretores de Escolas, Chefes de Departamentos e Coordenadores de Colegiados de Cursos nas Instituições Federais de Ensino Superior, em todo o país. Estava consolidado o projeto liberal de *abertura democrática* do Brasil ao capitalismo internacional.

A década de 90 vem se caracterizando como um dos momentos mais difíceis dessa caminhada, contraditoriamente, em função das próprias conquistas dos movimentos combativos da sociedade brasileira. Mesmo tendo impulsionado com muito vigor o *impeachment* do Presidente eleito Collor de Mello, com a ajuda substancial da Rede Globo, constituindo-se na maior conquista nacional no último período; os movimentos estudantil, sindical e popular vivem uma fase de extrema dificuldade de intervenção. A greve dos petroleiros, em que pese a sua grande capacidade organizativa e mobilizatória, mesmo afetando diretamente a economia do país, não conseguiu sensibilizar a opinião pública em relação a justiça e legitimidade da luta em defesa da soberania nacional.

Além disso, apesar da resistência aos atos dos representantes do capitalismo, no Congresso Nacional e no Governo Federal, de desmantelamento da educação brasileira, já sucateada e fragilizada pelas políticas oficiais dos últimos trinta anos, os movimentos docente, estudantil e de servidores técnico-administrativos das universidades e dos setores médios do sistema educacional, mesmo com a grande mobilização, que sustou a aprovação da “nova” LDB dos neoliberais, não conseguiram articular um eixo convincente de intervenção, para angariar o apoio popular em favor da escola pública, gratuita e de qualidade para todos e em todos os níveis.

Não estamos conseguindo mobilizar a população contra as reformas da Constituição, que desmantelam o Estado Brasileiro e acabam com os direitos sociais da classe trabalhadora. Estamos vivendo por um lado a experiência da eleição legítima e “democrática” de um governo com amplo apoio popular. Temos um Presidente da

República eleito, que aderiu como estudante a luta do *Petróleo é Nosso*; foi exilado em 1964, pelas suas posturas em defesa dos direitos humanos; lutou pela anistia e contra a censura; apoiou o movimento das *Diretas Já!* e posicionou-se favoravelmente ao *impeachment* de Collor. Por outro lado, com a derrocada do socialismo real e o avanço do neoliberalismo no mundo, apoiados por um assombroso desenvolvimento das forças produtivas, dispendo de alta tecnologia de ponta e de um espetacular sistema de comunicações informatizado, o capitalismo ganhou fôlego.

Os ideários do estado mínimo, da livre iniciativa e da economia de mercado estão introjetados no íntimo das pessoas mais simples e mais humildes da população. Os meios de comunicação, em especial os canais de televisão, construíram uma competente pedagogia política para criar um imaginário de massas e controlar os indivíduos nos espaços mais íntimos de suas vidas e das suas relações: a casa e a família. As visões mais amplas do mundo e de cada momento da conjuntura aos níveis local e regional, as representações simbólicas dos conceitos, dos valores, dos rituais cotidianos, estão sendo formados de acordo com os interesses econômicos dominantes.

Hoje muitos trabalhadores vêm-se “parceiros” e “colaboradores” do processo produtivo, sentindo-se participantes dos lucros das empresas (apesar dos minguados salários da maioria) ou consideram-se responsáveis pelo caos do Estado (por serem incompetentes, desempregados, miseráveis e marginais). Os consumidores são “donos” dos produtos, graças a um processo de marketing que investiga e age sobre o imediato da vida das pessoas, fazendo com que as mercadorias sejam o reflexo das suas necessidades e interesses correntes. Um bom exemplo disso são os consumidores da mercadoria futebol, que literalmente matam e cometem suicídio, para defender a qualidade do seu produto em contraposição a outros que existem no mercado, sem no entanto compartilhar da alta lucratividade gerada pela sua circulação. Outro exemplo são os programas de televisão. Hoje os telespectadores são os que fazem os enredos e até decidem o final dos seriados ou das novelas: *Você decide!*

Diante desse quadro é preciso que encontremos novas formas de luta. As formas tradicionais já não dão conta do enfrentamento necessário para contrapor as investidas capitalistas, como fazíamos em outros tempos. Não é mais possível desenvolvermos movimentos sociais na base de discursos em atos públicos e panfletagens em portas de fábrica, sem que tenhamos um projeto convincente a ser defendido. Ser do contra é uma postura negativa, facilmente combatida por quem apresenta propostas positivas para a sociedade. É preciso ter algum projeto histórico como referência, para que alguém possa lutar, positivamente, a favor de alguma proposta.

Os vencedores até aqui, os capitalistas, com o surgimento e ampliação do Projeto Neoliberal e a queda e descrédito dos Projetos Socialistas, falam em fim da história. Para eles, o dismantelamento dos Estados Nacionais, a abertura das fronteiras para investimentos externos e a criação de grandes blocos econômicos mundiais, determinam a vitória final do modelo econômico capitalista, que segundo eles, atingiu o controle pleno do mundo.

Para retomarmos a nossa capacidade de intervenção será preciso que façamos reflexões profundas sobre as questões do poder. A referência que tínhamos até então era de que o poder estava instalado nas altas esferas do Estado. Eram lá, ao nível do pico da estrutura, os alvos centrais das nossas lutas. Hoje o poder deve ser identificado também nos espaços mais íntimos das nossas vidas, nas nossas próprias posturas individuais em cada momento das nossas práticas. Ou seja, são nos locais em que estamos, em cada instante, onde podemos exercitar uma determinada ação, que o poder se manifesta. Para melhor

entendimento dessa problemática, gostaria de retomar uma palavra de ordem conhecida por todos nós: *A luta é aqui no chão!*

O poder não se reproduz apenas pela força ou pela coação. O uso da força, no entanto, está mais presente do que nunca, com a diferença de que ela não é mais arbitrária como era antes exercida. Hoje o controle repressivo da ordem encontra respaldo na população. A repressão é o reflexo da vontade popular. Inclusive o povo quer, até cobra ações de violência por parte do Estado contra si mesmo, apesar de não reconhecer-se como o alvo da sua própria exigência. O poder do Estado reflete-se na subjetividade das pessoas. É na individualidade que se deve buscar o entendimento das questões do poder contemporâneo. Na verdade o poder está instalado nos espaços onde somos o sujeito e o objeto das ações políticas do nosso cotidiano. Somos, ao mesmo tempo, os alvos e os mandantes, por ação ou omissão, das decisões políticas do nosso tempo, desde as esferas mais próximas até as mais distantes da nossa capacidade de compreensão.

No caso específico do movimento estudantil, os espaços de lutas estão onde se pode exercer as nossas ações, no cotidiano da vida da escola. São nesses locais, principalmente nas salas de aula, onde, além de uma versão hegemônica dos conhecimentos do mundo, da vida e das relações humanas, formam-se os ideários do individualismo (*é preciso levar vantagem em tudo*), da submissão e da obediência, mas também os nossos sentimentos e o controle das nossas emoções. Aí, cara a cara e sistematicamente, sofremos e exercemos o nosso poder de reproduzir e conservar a ordem vigente ou de resistir a ela, tentando transformá-la.

A luta pelas reformas curriculares estão na ordem do dia da luta por transformação da realidade. Isso implica em construir alternativas para superar as corriqueiras mudanças de grades curriculares e de programas de disciplinas isoladas. Podemos ou não continuar aceitando passivamente os atuais modelos quantitativos, punitivos e classificatórios de avaliação. Os conteúdos podem ser trabalhados de forma crítica e interdisciplinar ou vamos manter o atual modelo multidisciplinar, parcial e compartimentalizado. A escola continuará distanciada da realidade ou vamos lutar por um ensino indissociável da pesquisa e da extensão, desde o primeiro grau, comprometido com a emancipação política da maioria da população. Como temos nos comportado, quando exercemos o nosso poder, como professores ou estudantes, simultaneamente, enquanto objetos e instrumentos do poder dominante, no dia a dia das nossas escolas?

O desafio que se coloca hoje ao movimento estudantil, articulado com os movimentos popular e sindical, é encontrar formas de lutas, que levem em consideração a necessidade de disputar espaços de comunicações livres de coação e que atinjam a universalidade da população. Os tempos mudaram. Hoje estamos disputando com redes poderosas de informática, de telefonia móvel, de rádio e televisão, que superam em muito as nossas formas arcaicas e atrasadas de fazer política. Sem democratizar os processos de intervenções dos nossos movimentos, não teremos chance de disputar a hegemonia política que atenda aos interesses e necessidades da classe trabalhadora. As lutas hoje são cada vez mais globalizantes, por isso mesmo não podemos perder de vista a necessidade de superarmos os nossos interesses meramente corporativos e as nossas capacidades limitadas de comunicações. É a humanidade que está em risco, não são só os nossos privilégios particulares, de grupos ou categorias isoladas.

Se as formas instrumentais e as razões de uso prevalecerem nos nossos movimentos, se a manipulação e o golpismo continuarem sendo componentes das nossas práticas políticas, estaremos sendo coniventes e protagonistas do caos e da barbárie e não da

emancipação da humanidade. Precisamos fazer auto-crítica das nossas formas históricas de intervenção nos nossos movimentos, nos locais de trabalho, nas salas de aula e nas nossas casas e locais de moradia (vizinhança), que na maioria das vezes ignoram os sentimentos dos nossos interlocutores e/ou criam neles visões distorcidas da realidade, pela omissão ou manipulação das informações. O que está colocado na ordem do dia é o exercício de um poder democrático que leve em conta o esclarecimento, como referência das nossas ações políticas.

As relações de poder são compostas, em si mesmas, por compreensões e domínios de conhecimentos. Por isso a luta pela universalização do conhecimento não é suficiente. É necessário que as polêmicas em relação ao conhecimento possam ser explicitadas. Não precisamos temer a diversidade de opiniões, se trabalhamos com o conceito de emancipação humana. Só os que se valem da lógica da ocultação e da distorção da verdade em proveito próprio, de grupos ou classes sociais é que devem temer o diálogo livre e a discussão pública.

O conhecimento do universo e dos fenômenos da natureza, inclusive e principalmente os de natureza humana, não são produtos finais homogêneos, na intimidade da compreensão das pessoas. O conhecimento é sempre processo, por isso a sua construção é permanente, pressupondo o constante debate crítico de idéias divergentes, para que cada agente do poder possa chegar a níveis de compreensão e reflexão que lhe permitam, a cada momento, tomar posições autônomas e conscientes. A livre manifestação em busca da verdade deve ser a essência das nossas práticas, enquanto somos instrumentos do poder, e a referência da nossa luta reivindicatória e de resistência, no momento em que somos também o seu objeto.

## BIBLIOGRAFIA

- ARAPIRACA, José Oliveira. A USAID e a Educação Brasileira. São Paulo: Autores Associados/ Cortez, 1982.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- HABERMAS, Jürgen. Conhecimento e Interesse. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

# MOVIMENTO ESTUDANTIL DE EDUCAÇÃO FÍSICA: EM BUSCA DE RAÍZES HISTÓRICAS. UMA BREVE REFLEXÃO.

*Marcelo Guina Ferreira\**

*“O movimento estudantil ocupa um lugar de destaque na história das lutas do povo brasileiro rumo a sua emancipação. Nossa história é a história de uma juventude que nunca vacilou em se colocar ao lado dos oprimidos e explorados de nossa sociedade, abraçando com firmeza, nos mais diversos momentos da vida do país, as bandeiras da justiça e da liberdade” Romagnoli e Gonçalves (1979,p.4)*

## **Introdução**

Colegas, sentimo-nos honrados em poder coparticipar deste Caderno de Debates cuja temática aborda História e Perspectivas do Movimento Estudantil de Educação Física (MEEF). Entendemos, portanto, que seu conteúdo enfocará, sob diversos pontos de vista, passado, presente e futuro deste movimento social específico, no intuito de atingir dois objetivos gerais precípuos: a) colher elementos para um resgate histórico destes 15 anos de movimento estudantil organizado na EF; b) refletir crítica e construtivamente suas perspectivas. Nossa contribuição será encaminhada da seguinte maneira: 1) breve contribuição ao resgate de raízes históricas do movimento e, 2) com isto, pretendemos flagrar 'raízes históricas', de perspectivas atuais do mesmo.

## **Passado e Presente: Traçando o Futuro**

Fruto da conscientização dos estudantes brasileiros, quanto a necessidade de uma estrutura organizativa mais sólida e que os unificasse nacionalmente, a União Nacional dos Estudantes (UNE) é criada em 11 de agosto de 1937<sup>1</sup>. Assim, as primeiras ações do ME,

---

\* Participou do Centro Acadêmico de Educação Física da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, da comissão organizadora do XIII ENEEF, realizado em setembro de 1992 na Universidade Federal do Rio de Janeiro e foi membro da ExNEEF na gestão 1991/1992.

<sup>1</sup> Diretório Central de Estudantes. Caderno de História do Movimento Estudantil. Universidade de São Paulo: Diretório Central de Estudantes, 1979.

agora centralizado pela UNE, ocorreram durante a ditadura do Estado Novo. Se o surgimento da UNE é um marco para o entendimento do ME enquanto tal (ROMAGNOLI & GONÇALVES,1979)<sup>2</sup>, a criação, durante o Estado Novo, das primeiras Escolas de EF (EsEF) civis, constitui a referência inicial para o MEEF. E, entre as primeiras Escolas surgidas, constam a “Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo e a Nacional de Educação Física, no Rio de Janeiro” (FARIA JÚNIOR,1987,p.15)<sup>3</sup>. Estas duas EsEF protagonizaram dois dos primeiros episódios de luta política estudantil na EF, os quais destacaremos a seguir.

Em 1954 a EsEF de Minas Gerais solicita e consegue do Conselho Nacional de Educação (CNE), permissão para “o aproveitamento de candidatos portadores apenas de certificado do 1º ciclo do curso secundário (BRASIL, CNE, Parecer nº 88 de 14 de abril de 1955)” (FARIA JÚNIOR,op.cit.,p.19). Infelizmente, tal atitude representou um retrocesso, pois desde anos anteriores, a Lei nº 1821/53 advogava a necessidade de diploma de 2º ciclo do ensino médio, “o que representou substancial contribuição no sentido da elevação do status da profissão” (ibidem).

Todavia, a reação a tal atitude veio com força da parte do Centro Acadêmico de Educação Física Rui Barbosa (CARB) da EsEF de São Paulo que, não aceitando o parecer 88/55, pleiteia e obtém, junto a Divisão de EF do Ministério da Educação e Cultura, que seja exigido, para ingresso nas EsEF, “a apresentação do certificado de conclusão do curso secundário completo (BRASIL, Parecer 118/58)” (ibidem).

Outra importante intervenção do MEEF foi protagonizada pelo Diretório Acadêmico da EsEF da antiga Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro). Em 1956, já fartos de um diretor (o Dr. Pelegrino Júnior) pouco afeto as coisas da EF e devido a situação precária em que a Escola se encontrava, os estudantes realizaram uma greve de grande repercussão, culminando com a saída do diretor. Para melhor compreendermos tal movimento grevista, seria interessante atentarmos para o processo de politização dos estudantes daquela EsEF.

Participante ativo daqueles acontecimentos, o profº Vinícius Ruas Ferreira da Silva<sup>4</sup>, em depoimento a Castellani Fº (1988)<sup>5</sup> nos fala sobre a situação da Escola:

---

<sup>2</sup> ROMAGNOLI, Luiz H. & GONÇALVES, Tânia. *A volta da UNE*. São Paulo: Ômega, 1979.

<sup>3</sup> FARIA JÚNIOR, Alfredo G. de. *Professor de Educação Física, licenciado generalista*. In: OLIVEIRA, Vítor M. de. *Fundamentos Pedagógicos II: Educação Física*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1987.

<sup>4</sup> O profº Vinícius Ruas é um dos principais representantes da história viva do MEEF. Tanto assim que foi homenageado por ocasião da abertura do XIII ENEEF. Resgatar a história deste movimento passa, necessariamente, pelo depoimento deste professor.

*Fomos vendo que a Escola não era bem aquilo que imaginávamos. A sala de ginástica de aparelhos, p.ex., era obsoleta. O material antigo, maltratado. Os únicos ginásios que eram bons, eram o de Lutas e de Dança. Na Universidade ninguém dava a mínima importância para a Escola, deixando-a num descrédito danado” (p.149).*

Mais tarde o então acadêmico Vinícius Ruas seria eleito representante de turma junto ao DA. Por sua vez, a direção da Escola tentava manter o DA cooptado. O citado Prof<sup>o</sup> assim nos fala sobre isto:

*quando nós chegamos ao diretório acadêmico ele estava dividido. De um lado o pessoal do Emerson, dono de uma postura reacionária, entreguista (chamávamos 'entreguistas' aqueles que ficavam do lado da direção); do outro um grupo progressista, que lutava contra a administração do Pelegrino... Foi aí que começaram as nossas lutas políticas, travando nosso primeiro contato com a política estudantil (ibidem)*

Importante salto de qualidade na politização destes estudantes se daria quando, de representantes de turma junto ao DA, o acadêmico Vinícius Ruas e a acadêmica Estela, passam a representar o DA de EF no Diretório Central de Estudantes (DCE). O prof<sup>o</sup> Vinícius Ruas fez questão de frisar que o DCE funcionava no prédio da UNE, permitindo com que vissem “a atuação dos teóricos da política estudantil” (ibidem). Ressalta também, que a EF “nunca tinha participado destas lutas” (ibid,p.150). Enfim, a vivência no prédio da UNE possibilitou àqueles acadêmicos de EF contato com estudantes da vanguarda do ME e, conforme nos fala o prof<sup>o</sup>: “foi dali da UNE, daquela efervescência toda, que nós trouxemos a política para dentro da EsEF, que se dizia apolítica” (ibidem). E prossegue:

*nós começamos a participar, a perceber as posições retrógradas que o Pelegrino tomava; coisas anacrônicas, desligadas de uma época de lutas políticas, de nacionalismo, 'Petróleo á Nosso', enfim... toda aquela agitação da UNE e a nossa Escola parada, técnica: um, dois, três, quatro; ginástica pra lá, ginástica pra cá, e 'em forma' e canta o hino nacional (ibid,p.151)*

A elevação da consciência política dos estudantes os levou a intervir nesta concepção de EF militarista e conservadora. Conforme relato do prof<sup>o</sup> Vinícius Ruas, “a Escola realmente era uma Escola militar” (ibidem), e os estudantes cantavam o hino nacional todo dia de manhã, tal como na caserna. O prof<sup>o</sup> nos diz que um dia, em torno da mesa do DA, os alunos decidiram: “olha, de hoje em diante, não vamos mais cantar o hino nacional todo dia de manhã” (ibidem). E continuou: “nós fomos, pouco a pouco, alterando as coisas

---

<sup>5</sup> CASTELLANI FILHO, Lino. Educação Física no Brasil: a história que não se conta. São Paulo: Papirus, 1988.

eliminando os ranços militares. E quem fez isso? Foram os estudantes. Isso não partiu dos professores. Partiu das deliberações tiradas em reuniões que nós fazíamos” (ibidem).

Começando a mudar a 'cara' da EsEF, os estudantes começaram a perceber seu poder de pressão. Sendo assim, identificaram que um óbice da Escola era o diretor e, então, entraram em greve, tendo a frente o DA, já então presidido pelo acadêmico Vinícius Ruas. A greve, como era de se esperar, contou com apoio do DCE e da UNE. Como prova de sua repercussão, basta dizer que foi “coberta pelos jornais como 'Imprensa' do Partido Comunista, que deu destaque de página inteira; até 'O Globo' por incrível que pareça, além da 'Gazeta Esportiva' de São Paulo” (ibidem). Por fim, o ME saiu-se vitorioso quando, buscando uma saída honrosa, o doutor Pelegrino (que era médico e não profº de EF) aposentou-se.

Entre os aspectos positivos deixados pela greve, o profº. Vinícius Ruas destaca que, após o movimento, os estudantes passaram a ter uma “atividade política completamente consciente” (ibid,p.158). Prova disto foi que, no Congresso da UNE, em Friburgo, no Rio de Janeiro, os estudantes decidiram criar a União Nacional dos Estudantes de Educação Física (UNEEF). Ainda segundo relato do profº.:

*elegemos a primeira diretoria e com a presença maciça dos Diretórios e Centros Acadêmicos das Escolas de Educação Física de todo país, fizemos nosso primeiro Congresso. Foi uma beleza, o realizamos nas dependências da Escola de Educação Física. A maior dificuldade era você fazer um encontro de estudantes dentro da Universidade. Pois ele foi realizado dentro da Universidade e possuiu conotação totalmente progressista (ibidem)*

Pensamos que a União Nacional dos Estudantes de Educação Física e seu Iº Congresso (de 15 a 24 de outubro de 1957) são as raízes históricas da atual Executiva Nacional dos Estudantes de Educação Física e do Encontro Nacional dos Estudantes de Educação Física.

Pensamos também, que os dois episódios citados, bem poderiam ser tomados como dois casos exemplares dos primórdios da atuação do MEEF. Neles é possível observar, 'raízes históricas' de perspectivas atuais deste movimento. Senão vejamos:

1) **Currículo e Formação Profissional:** PASSADO- a ação do CARB/USP contra o rebaixamento de exigências para o ingresso nas EsEF; a intervenção do DAEF contra as precárias condições de ensino e a visão militarista e conservadora na EsEF/UB são casos de intervenção do MEEF buscando alternativas progressistas no que tange a formação acadêmica em EF. PRESENTE- sabemos que currículo e formação profissional tem sido a temática mais focalizada pelo MEEF. Portanto, certamente esta é uma perspectiva de intervenção social já consolidada no movimento e, neste sentido, iniciativas como o Caderno

de Debates sobre currículo e formação profissional<sup>6</sup> não só confirmam isto, mas também requalificam tal perspectiva de intervenção do MEEF.

2) **Estrutura Política e Organizativa:** PASSADO- a ausência de uma política coletiva e unificada nacionalmente, permitiu que dois DAS tomassem iniciativas tão contrárias, como no caso das exigências para ingresso nas EsEF, pois somente mais tarde é que os estudantes de EF, sentindo a ausência de uma estrutura política consistente, que os unificasse nacionalmente, criaram a UNEEF e realizaram seu I Congresso. PRESENTE- como está claro, em boa parte de sua história, e não apenas nestes últimos 15 anos, o MEEF se recentiu de uma estrutura organizativa que representasse o momento da aglutinação e coordenação de suas forças políticas. Enfim, uma direção nacional coletiva, unificada e democrática. A ExNEEF (cujo primeiro estatuto e gestão foram eleitos no XII ENEEF/USP, em 1991) veio suprir tal lacuna. Contudo, sabemos o quanto ainda é recente sua história como estrutura organizativa central do MEEF. Mas a julgar pelos seus últimos e evidentes resultados, ela tem possibilitado a ampliação, para melhor, da organização política e administrativa do movimento.

3) **Atuação junto aos Movimentos Sociais:** PASSADO- percebemos que uma atuação coletiva, organizada e consciente do MEEF junto ao ME geral e ao movimento social como um todo, ficou potencialmente limitada e só veio a ser estabelecida minimamente, quando aquele movimento toma a iniciativa de organizar-se coletivamente enquanto movimento social específico (com a criação da UNEEF e seu I Congresso). PRESENTE- hoje, uma possibilidade de intervenção do ME, refere-se a sua especificidade enquanto movimento social que lida com conhecimentos e tecnologia relativos a esfera da Cultura Corporal. Neste sentido, e por força sobretudo de uma melhor estrutura organizativa e política, o MEEF tem vislumbrado a possibilidade de atuar como intelectual orgânico coletivo, cujas ferramentas culturais específicas podem servir para requalificar suas ações no ME geral e no próprio movimento social em seu conjunto. Precisamente por este motivo, o MEEF criou o 'Seminário sobre Movimento Estudantil e Esporte' o qual, inclusive, gerou a temática do Iº Caderno de Debates lançado pela ExNEEF<sup>7</sup>, bem como fez aprovar no 43º Congresso da UNE<sup>8</sup>, que o Deptº de Esportes da UNE passaria a ser acessorado pela ExNEEF.

<sup>6</sup> Trata-se de Caderno de Debates lançado pela ExNEEF (Coordenadoria de Ensino, Pesquisa e Extensão, 1994) abordando a temática do currículo e formação profissional.

<sup>7</sup> Este Caderno de Debates (ExNEEF-Cordenadoria de Ensino, Pesquisa e Extensão, 1994) intitula-se "Movimento Estudantil e Esporte: em busca de uma visão dialética".

<sup>8</sup> Neste Congresso o MEEF lançou o Manifesto "Departamento de Esportes da UNE: Cultura Corporal ou Cultura Mutilada?", no qual reivindicava a necessidade de que a luta pela democratização cultural jamais poderia excluir a cultura corporal como dimensão da cultura humana geral.

4) **Formação Teórica e Política:** PASSADO- observamos, no caso da intervenção do DA da antiga Universidade do Brasil, que o contato com dirigentes estudantis de maior aporte teórico e político, foi decisivo para que se redimensionasse a participação política dos estudantes de EF, seja nas lutas políticas gerais, seja naquelas comuns a seu âmbito acadêmico e profissional. PRESENTE- novamente temos aqui uma perspectiva, cuja consolidação supriria uma lacuna no MEEF. Trata-se da Formação Teórica e Política, visando capacitar a militância estudantil para o debate teórico como fundamento de uma prática política firmemente orientada. Neste sentido, foi aprovado no XV ENEEF (UFPB,1994) a realização de tal curso, cujo encaminhamento está a cargo da ExNEEF.

Por fim companheiros, gostaria de externar um sentimento que me alcançou ao final desta breve reflexão. Tal sentimento, acredito, é motivado, por um lado, pelo sincero desejo de contribuir para o avanço da consciência e organização do movimento estudantil de educação física. E, por outro, pelo reconhecimento de que esta oportunidade a mim concedida, é mais uma possibilidade para objetivar e efetivar, este desejo de contribuir com o movimento, fato que, porém, esbarra em minhas limitações e incapacidades, o que coloca-me sob a angústia de que ainda seja tão pouco o que posso fazer, diante das exigentes tarefas colocadas para o MEEF.

Desta forma, ao encerrar, busco palavras adequadas, para traduzir esta sensação de que o movimento estudantil de educação física está no caminho certo, quando procura resgatar seu passado, resguardando sua memória do esquecimento e mesmo do obscurantismo. Afinal, no passado encontram-se experiências e ensinamentos valiosos para nossas aflições presentes, as quais nada mais são do que nossa luta pelo futuro a partir do que nos foi legado pelas gerações anteriores.

Portanto, uma não compreensão de nosso passado, acarreta uma compreensão limitada, pobre de nosso próprio tempo presente. No entanto, se somos capazes de relacionar os fatos históricos do passado com a realidade atual, então somos capazes de contribuir, de forma consciente, para que a história humana tenha um curso emancipador, e sei que este é o propósito do movimento estudantil de educação física. O resgate de sua história só fará confirmar isto.

# OS ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E O MOVIMENTO ESTUDANTIL DE 1980 À 1992 NO BRASIL: UMA QUESTÃO DE EDUCAÇÃO

*Renata Novaes Guimarães Pessoa\**

*“O pior analfabeto é o analfabeto político. Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos. Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do sapato, do aluguel e do remédio dependem das decisões políticas. O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a política. Não sabe o imbecil que da sua ignorância política nasce a prostituta, o menor abandonado, o assaltante e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, o corrupto e lacaios das empresas nacionais e multinacionais”.*

*Bertold Brecht*

## FORA COLLOR...!!!...

Maio de 1992, Brasil, Pedro Collor de Mello, empresário, acusa de corrupção seu irmão; o então Presidente da República, Fernando Collor de Mello. Envolvendo em suas acusações o empresário Paulo César Cavalcante Farias, como sendo instrumento do Presidente da República para a realização de negócios escusos, corrupção e assalto à verba pública (vide revista Veja de 27 de maio de 1992, pg. 16 a 25).

Inicia-se uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) no Planalto Central.

A cada dia que passa a imprensa falada, escrita e televisionada, noticia as confirmações de corrupção do Presidente Collor e do esquema PC (Paulo César Farias) obtidas pelas investigações na CPI.

A Rede Globo leva ao ar a minissérie “Anos Rebeldes” escrita por Gilberto Braga e Sérgio Marques.

E nesse clima de repúdio à falta de Ética do Presidente Collor e de uma visão romântica e açucarada do que foi a pressão aos movimentos políticos de massa, principalmente os estudantis durante os anos de ditadura militar no Brasil; que a juventude

---

\* Professora de Educação Física licenciada na Universidade Gama Filho.

sai às ruas. Liderados por suas entidades de representação política, os jovens e adolescentes invadem as ruas do Brasil em protesto à corrupção do Presidente Collor e do esquema PC.

Os jornais noticiam que a União Nacional dos Estudantes (UNE) e a União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES) renasceram.

Ora como integrante do movimento estudantil (ME) desde 1989; sei que a UNE e a UBES não renasceram agora em 1992 e sim em 1979 após a dura repressão militar nos anos 60 (vide revista da UNE - “A Volta da UNE: de Ibiúna à Salvador”- 1979).

De fato, o problema enfrentado pela UNE e pela UBES de 1979 para cá, é o distanciamento ideológico das lideranças em relação às massas estudantis.

O conjunto dos estudantes “não resistiu ideologicamente” à retirada de seus currículos secundaristas da disciplina filosofia. E também a repressão sofrida por seus pais, inclusive a lembrança viva da tortura militar (vide Ventura, Zuenir, 1968 *O Ano Que Não Terminou. A Aventura de uma geração.*). Também “não resistiram” à introdução de disciplinas ministradas com caráter alienante como moral e cívica e educação física. Onde atletas se favoreciam de bolsas de estudos para freqüentar universidades, em troca de seus “serviços” como atleta para a universidade. Inclusive nesse período a Universidade Gama Filho se favoreceu muito através dos incentivos governamentais às universidades que continham atletas competindo em seu nome. A Universidade Gama Filho chegou a se tornar expressão máxima no esporte universitário da época (vide Ghiraldelli Júnior, Paulo. *Educação Física Progressista*, pg. 41 a 44).

Já as ditas lideranças estudantis; essas não sofreram muitos danos. Marcadas por uma história política vinda do berço, como é o caso de Lindberg Farias, presidente da UNE gestão 1992/1993, que é filho de Lindberg Farias, vice-presidente da UNE 1961. E também o caso do baiano Waldemar, vice-presidente da UNE na gestão 1988/1990 . O pai de Waldemar foi militante atuante do movimento de trabalhadores pelo Partido Comunista do Brasil. Outras lideranças não marcadas por uma história familiar, mas marcadas por uma personalidade revolucionária e um “espírito” guerreiro também tiveram destaque no ME, como Patrícia de Angelis, presidente da gestão anterior a de Lindberg.

Essas lideranças se mantiveram politizadas e na sua maioria vinculadas a partidos políticos. Sempre atuantes no cenário político nacional.

As lideranças e o reduzido movimento estudantil desde 1979 para cá, mantiveram incessantes esforços para reaglutinar a maioria da estudantada brasileira em torno de questões políticas, educacionais e gerais. Foram realizados congressos, seminários, encontros, conselhos e reuniões. Reuniões essas inclusive onde se discutiu o perfil da juventude dos anos 80 e 90.

Mas foi o apelo da mídia pela Ética que conseguiu reaglutinar esses estudantes em enormes passeatas pelas ruas do Brasil como em 1968. Reivindicando, fazendo presente sua opinião política.

Agora o grande desafio da UNE e da UBES é manter a unidade e propiciar encontros e seminários aos estudantes para que esses possam desenvolver um arcabouço teórico e ideológico para o amadurecimento das manifestações e do próprio movimento.

Diante desse quadro aonde estiveram e aonde estão os estudantes de educação física?

Os estudantes de educação física assim como os estudantes de outros cursos, na sua maioria ao ingressarem no curso universitário, não têm a mínima noção da “amplitude” de uma universidade, ou seja, de tudo que a universidade lhe oferece ou deveria oferecer a nível de estudos, experiências práticas e atividades extracurriculares. É o que é mais grave : esses estudantes devido à seu histórico de vida, de geração, na sua maioria não tem idéia de como a convivência universitária pode lhes ampliar os “horizontes”. Muitas vezes o que acontece é que eles passam pela universidade como se estivessem estudando em um cursinho, onde só se preocupam em estudar para passar, visando somente o diploma ao fim do curso.

O diploma de fato é importante, pois na maioria dos casos é fundamental para o desempenho da função escolhida. Mas o diploma é o resultado de um processo.

Na nossa sociedade o resultado costuma ser mais valorizado do que o processo. Somos muito imediatistas.

Muitos dos estudantes universitários se preocupam excessivamente com o resultado, não dando a devida atenção ao processo. Não questionam seus currículos, nem seus professores, quanto menos o sistema educacional brasileiro. Nem o elevado preço das mensalidades são motivo de questionamento, quanto mais de mobilização e uma ação efetiva.

Particularmente os estudantes de educação física valorizam muito as atividades esportivas: jogos, competições. Poucos se interessam por discussões ligadas à questões como currículo, vida universitária, política educacional. Eles na sua maioria já entram na faculdade visando o aperfeiçoamento do trabalho com uma modalidade específica : basquetebol, voleibol, dança, etc. Esses estudantes geralmente são ex-atletas, bailarinos, ou tiveram uma vivência marcante numa dessas modalidades. Vários inclusive, já lecionam em escolinhas de esportes ou em academias. Esses vêm na faculdade a legalização da sua profissão e a “abertura de novas portas” no mercado de trabalho.

Todas as vezes que passei por um estudante que lia um jornal, no campus de educação física da Universidade Gama Filho, onde estudei; o que ele estava lendo era o Jornal dos Esportes. Esse é um dado impressionante. O estudante de educação física, na sua maioria, se limita muito na sua área. Poucos sabem por exemplo, a situação econômica do Brasil. E os poucos que sabem é devido terem faixa etária acima de vinte e cinco anos, e vários até já terem constituído família, e já trabalharem fora da área ou até mesmo nela.

Quero deixar bem claro que tudo que estou escrevendo é baseado em experiência empírica, devida a minha vivência universitária entre 1989 e 1992. Como relações públicas do DA de educação física UGF (Universidade Gama Filho) gestão 1989/1990, como presidente do DA de educação física UGF gestão 1991/1992 e como membro do DCE (Diretório Central dos Estudantes) UGF gestão 1991/1992; tive oportunidade de viajar muito e participar de muitas reuniões, seminários, conselhos e congressos, no meu Estado (Rio de Janeiro) como em outros Estados do Brasil. Com isso convivi com muitos estudantes tanto de educação física como de outras carreiras.

Eu diria até, baseada nessa minha experiência empírica, que o que acontece com os estudantes de educação física à nível ideológico e a nível de atuação, é o mesmo que acontece com estudantes de outras carreiras.

Os estudantes da área de humanas tem mais conhecimento geral sobre cultura, política, economia; até mesmo pelas próprias exigências da área. O que não garante maior atuação por parte desses estudantes.

É o retrato da nossa geração: muitos não se preocupam nem em saber o que se passa no país ou até mesmo na sala de aula ao lado; outros se preocupam e procuram saber, mas nada fazem com esse saber; outros procuram saber, questionam e interagem com a sua realidade.

O episódio Fora Collor, a meu ver foi muito lucrativo para o movimento estudantil a nível de mídia.

Quando escrevi o meu projeto de pesquisa ao final do segundo semestre do ano de 1992, no qual esse artigo é baseado, o que propus foi justamente o levantamento do perfil dos estudantes de educação física do período histórico de 1989 a 1992, através do estudo do perfil educacional (influência da ditadura militar nos currículos secundaristas, onde a disciplina educação física era ministrada como disciplina alienante) e do perfil filosófico (seus mitos, seus hábitos e sua visão de mundo). Delimitei o período histórico entre 1980 e 1992, pelo fato da UNE ter se estruturado a partir de 1979 e também porque os universitários de 1989 a 1992 vivenciaram as mudanças curriculares feitas pela ditadura militar em seu curso secundário. Enfim fazer um estudo do perfil desses estudantes de educação física (1989 a 1992) a partir das possíveis influências educacionais e filosóficas sofridas a partir de 1980.

# A GREVE DOS ESTUDANTES DE 57 E A EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA

*Prof. Victor Andrade de Melo\**

Há algum tempo venho procurando refletir sobre a necessidade de recuperarmos fatos de nossa história, muitos esquecidos e desprezados, reinterpretando seus significados e funções a partir dos mais diversos ângulos e contextos, de forma a ampliar nossa compreensão historiográfica. Isso é, creio ser mister não só sua recuperação pura, o levantamento puro de datas e nomes, como também a busca de novas interpretações, a análise segundo novos contextos, a recusa da consideração exclusiva do determinante sócio-econômico e a percepção interna do fenômeno. Também para o movimento estudantil em Educação Física essa atitude pode ter fundamental importância.

Não estou com isso a esperar exclusivamente que possamos aprender com as experiências do passado para designar nossos rumos no presente - na verdade cada vez mais me torno cético quanto a essa possibilidade, mas fundamentalmente que possamos compreender que nosso passado tem, sem sombra de dúvida, algum grau de relação e influência com o presente. Nesse sentido o conhecimento do passado de nosso movimento estudantil pode, no mínimo, contribuir para ampliar nossas compreensões presentes. Se conseguirmos diretamente considerar essas experiências no traçar de nossas estratégias futuras, tanto melhor.

Um dos acontecimentos mais interessantes de nossa história recente foi a greve realizada pelos estudantes da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) em 1956. Sempre me chamou a atenção tal fato, mas até o momento só o conhecíamos por trechos nas declarações dos profs. Alberto Latorre de Faria e Vinícius Ruas constantes no estudo de Lino Castellani Filho (1988). Ainda assim, nesse estudo, nenhuma análise sobre o fato é realizada pelo autor, ficando-nos apenas as considerações dos referidos professores.

Que terá significado uma greve de estudantes de Educação Física em meados da década de 50 ? Que relações teria com o momento pelo qual passava a Educação Física no país? Será que seus significados somente referem-se a uma 'simples' reivindicação de estudantes ou tem significados 'maiores' e pode contribuir nos possibilitando uma síntese mais rica de múltiplas compreensões históricas?

Nesse estudo pretendo resgatar esse importante fato de nossa história a partir: do debate de idéias entre os depoimentos dos professores presentes no estudo de Castellani Filho (1988); uma nova contribuição do prof. Alberto Latorre de Faria; considerações perceptíveis, acerca da greve e do contexto da ENEFD por ocasião dessa, nos 'Arquivos da ENEFD'; a entrevista do prof. Paulo Matta, um dos líderes da greve que até o momento não tinha tido sua opinião coletada e difundida, a mim concedida por ocasião da realização de minha dissertação de mestrado; e o depoimento do sr. José Ignácio Alves de Souza, funcionário da ENEFD na ocasião, coletado com o mesmo objetivo anterior. Pretendo analisar tal fato dando preferência a considerações ligadas ao contexto da ENEFD, já que acredito que essas foram primordiais e melhor explicitam o possível significado dessa greve para o movimento estudantil em Educação Física e para a profissão de professor de

\* Mestrando em História da Educação Física na UNICAMP

Educação Física. Isto é, creio que análises feitas exclusivamente a partir do momento sócio-político brasileiro em geral podem mascarar outros significados dessa greve, só possíveis de serem compreendidos dentro da dinâmica interna que os ocasionaram.

A greve de 1956 parece ter certa relação com os movimentos de poder e as modificações estruturais da ENEFD na década de 50. A ENEFD sofreu um forte mudança no seu eixo de poder com a saída paulatina dos militares, inclusive dos órgãos de direção, e a ascensão dos médicos. Com os médicos na direção e comando dos caminhos, a ENEFD muda completamente sua estrutura. Torna-se mais preocupada com sua função social, com o embasamento científico e com a qualidade de sua formação do que com os desfiles cívicos e preocupações militarizadas de 'civismo e amor a pátria'. Isso não quer dizer que tenha assumido posturas filosóficas completamente diferentes, mudanças somente perceptíveis no decorrer do tempo. Mas é a partir dos médicos que a Escola começa a oferecer ou copatrocinar cursos de especialização, seus professores começam a ir em maior afluxo para Congressos e eventos científicos, os 'Arquivos' se efetivam enquanto publicação; inúmeras pesquisas são realizadas, mudanças curriculares são efetivadas. A Escola ganha uma nova respeitabilidade, inclusive dentro da Universidade do Brasil<sup>9</sup>.

Uma das mudanças que mais afetou os alunos foi a exigência do diploma de segundo grau para entrada na Escola e uma seleção mais rigorosa de bolsistas vindos de outros estados. Até então, embora a ENEFD estivesse dentro da Universidade do Brasil, seu curso era quase técnico, realizado em dois anos e com alunos a nível de 2º grau, na maioria atletas e ex-atletas que muitas vezes faziam da Escola uma continuação de seu treinamento. Com a mudança, o curso passou a ser realizado em três anos, com alunos já possuidores do 2º grau e que tinham que passar por um vestibular bastante rigoroso. Com certeza isso modificou profundamente a característica dos alunos, que passaram a chegar mais maduros e capazes teoricamente, muitos até oriundos de outras faculdades.

Depois da direção do prof. Carlos Sanchez de Queiroz e prof. Waldemar Areno, ambos médicos, o prof. Alberto Latorre de Faria assumiu a direção por dois anos. Mas já em 1952, mesmo tendo sua administração sido considerada um sucesso por professores, alunos e funcionários, não consegue se reeleger para a direção, recebendo, na Congregação, somente os votos dos professores de Educação Física não médicos, que eram minoria absoluta. Elege-se assim mais um médico: o brilhante João Peregrino Júnior.

Mesmo tendo o hábito de economizar elogios não se pode dizer menos do que brilhantismo acerca de Peregrino Júnior. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1929 recebera seu primeiro prêmio da Academia Brasileira de Letras, onde é aceito e eleito como imortal em 1945. Já tinha publicado 6 livros e mais de 100 artigos, sendo 32 na área de biometria, biotipologia e Educação Física. Em 1939, quando foi para a ENEFD, sendo um de seus fundadores, era também professor da Faculdade Fluminense de Medicina, da Faculdade Nacional de Medicina, da Escola Técnica de Serviço Social e na Escola de árbitro da Federação Metropolitana de basquete, além de ser chefe do serviço de endocrinologia da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.

Foi exatamente esse homem de grande prestígio que iria assistir os estudantes entrarem de greve, não só na sua administração, como também contra ela. Foi exatamente

---

<sup>9</sup>. Obviamente aqui estou resumidamente analisando a Escola. Não foi somente obra dos médicos a mudança de enfoque e postura da Escola. Muitas dessas mudanças já vinham inclusive sendo preparadas pelos militares enquanto estavam na direção. Mas não se pode negar, enfim, o papel primordial dos médicos na ascensão da presença e influência da Escola no cenário da Educação Física. Sem dúvida, foi enquanto médicos estavam na direção, que a Escola viveu seus momentos áureos.

contra esse homem de grande prestígio que os estudantes se bateram: não voltariam às aulas enquanto Peregrino Júnior não deixasse a direção da Escola.

A movimentação dos estudantes não surgiu de uma hora para outra. Se deu em um contexto onde era possível perceber na própria ENEFD um maior número de posturas críticas entre os professores, que começavam a abandonar os fortes referenciais militares. Críticas ao método Francês não foram poucas, é possível perceber uma preocupação cada vez maior com os referenciais pedagógicos, o esporte ganha espaço e com eles os professores de Educação Física e até é possível perceber posturas políticas explícitas de alerta quanto as funções do professor para a sociedade brasileira sob uma ótica crítica, principalmente nas obras de Alberto Latorre de Faria e Inezil Penna Marinho.

O próprio Peregrino Júnior alertava para uma possível 'falta de disciplina dos alunos', em discurso que proferiu em homenagem a Carlos Sanchez de Queiroz na sua posse de cátedra, publicado nos 'Arquivos' de número 6 (1953). Com certeza significava os primeiros impulsos claros de uma mudança de postura dos estudantes. No início de 1956, no editorial dos 'Arquivos' de número 9, Peregrino Júnior tentava prestar contas de algumas de suas realizações. No fim do ano, já com a greve em andamento torna a publicar no mesmo espaço dos 'Arquivos' de número 10 suas realizações, dando ênfase às modificações materiais na ENEFD, uma das fortes críticas dos alunos, e às concessões que interessavam os estudantes.

Esse seu editorial, um misto de apelo e cobrança, não foi suficiente para fazer os alunos voltarem às suas atividades. Os motivos para a greve parecem ter se ligado diretamente a falta de atenção do ocupado diretor para com a ENEFD e seu desleixo em relação a estrutura material, embora ele afirmasse o oposto, que vinha causando inúmeros problemas. Mas o estopim parece ter sido uma declaração em que afirmava que se envergonhava de ser diretor de um curso de Educação Física, pois esse não tinha *status* e nível para ser dirigido por ele.

Foi então realizada uma assembléia, com a presença da grande maioria dos alunos, que decidiu pela greve enquanto o prof. Peregrino Júnior não deixasse a direção da ENEFD. Foi escolhida uma comissão de greve composta entre outros por Vinícius Ruas, presidente do Diretório, Estela Alves, José Sobrinho, futuro presidente do Diretório e Paulo Matta, presidente da Associação Atlética, escolhido como presidente da Comissão de greve.

Os movimentos de retirada do diretor começaram com o fechamento da ENEFD e a tentativa de contato com o Presidente da República, Juscelino Kubstichek. Depois de inúmeros contatos com o reitor, Pedro Calmon, e com o secretário da presidência, Josué Montuello, subchefe da Casa Civil, os estudantes somente conseguiram tal contato depois de levemente insinuar que iriam realizar uma passeata com o apoio da 'Tribuna da Imprensa', jornal dirigido por Carlos Lacerda, inimigo político ferrenho de Kubstichek. Aliás, a imprensa carioca deu espaço para a greve, publicando inúmeras notícias do acontecido.

Além da imprensa, os estudantes obtiveram o apoio dos diretórios da Universidade do Brasil, do Diretório Central de Estudantes e da União Nacional dos Estudantes. Embora a repercussão em outros estados e nas outras faculdades de Educação Física não pareça ter sido das maiores, inúmeras lideranças e entidades estudantis enviaram seu telegrama de apoio.

Obviamente não faltaram pressões das mais diversas naturezas para que os estudantes voltassem às suas atividades. O prof. Paulo Matta (1995) afirmou que foi convocado ao gabinete do reitor da Universidade do Brasil, Pedro Calmon, onde lhe foi oferecido uma série de melhoramentos para a ENEFD, caso colaborasse no suspender da

greve. Atitude essa bem possível de acontecer. O sr. José Ignácio (1995), por exemplo, afirma ao comentar a greve:

*“...Depois tinha um reitor, o reitor da Universidade lá, ele esteve vinte anos como reitor, foi um cara, chamava-se Pedro Calmon, se o aluno fizesse greve, quando o aluno fizesse greve, se o presidente do DCE conversasse quinze minutos com o reitor, acabava a greve. Ele convencia o aluno de que...um crânio...o cara”.*

Mas nada adiantou na tentativa de encerrar a greve. O próprio Pedro Calmon foi a uma assembléia, convecido de que a greve seria encerrada em parte por sua oferta de melhoramentos, mas o máximo que conseguiu foi ter que assumir que executaria os melhoramentos independente do andamento da greve. E de fato executou todos os melhoramentos prometidos.

A adesão à greve entre os estudantes, é bem verdade, foi flutuante. No início todos lá estavam, participando ativamente das mobilizações, manifestações, atividades e assembléias. Com o tempo, no entanto, tirando episódios isolados, a greve foi esvaziando, perdendo a participação de estudantes. Mas uma ressalva deve ser feita. Mesmo com o esvaziamento da presença e o crescimento dos 'apoios morais', o corpo de estudantes assumiu integralmente a greve, não realizando em qualquer dos cursos sequer reivindicações para a realização dos exames finais, mesmo para aqueles que somente um mês faltava para a conclusão de seu curso. Mesmo os alunos de medicina desportiva, na sua maioria mais velhos e casados, mesmo os alunos de outros estados, aceitaram a greve e foram até o final, alguns inclusive não vindo a concluir seus cursos já que suas bolsas de estudo se encerravam e já não mais podiam ficar no Rio de Janeiro. Se a greve não foi uma unanimidade, ao menos parece ter sido respeitada integralmente, entre todos os cursos<sup>10</sup>.

É importante ressaltar que as unanimidades não existiam. As eleições para o Diretório Acadêmico e Associação Atlética eram bastante disputadas, com inúmeras chapas de candidatos. Mas, após a escolha dos vencedores parecia haver um esforço coletivo no sentido de promover os inúmeros eventos, que normalmente não contavam com grande apoio da direção. A vida cultural e política na ENEFD era imensa com os alunos contando com grande autonomia de, inclusive, levantar os recursos financeiros necessários às suas realizações.

A greve terminou com uma saída honrosa para Peregrino Júnior, que foi aposentado com todas as gratificações e todos os direitos incorporados ao seu salário. Durante esse período os professores da ENEFD tiveram reações diferenciadas. Alguns foram completamente contra, outros não se envolveram de forma alguma e um grupo menor apoiou as reivindicações, destacadamente o prof. Alberto Latorre de Faria, inclusive veiculando na Congregação o material e documentação dos estudantes. Curiosamente, o grupo de professores que apoiou a greve era formado por professores de Educação Física. Apoiaram, mas sem efetivamente participarem de assembléias, mobilizações ou passeatas. A greve era uma iniciativa dos estudantes e mesmo eles não solicitavam esse tipo de participação mais direta dos professores.

A greve sem dúvida foi um marco para o movimento estudantil na ENEFD e provavelmente no Brasil. Dentro da Escola os estudantes passaram a ter uma força ainda

<sup>10</sup> . Na época a ENEFD oferecia além do curso de nível superior (3 anos), o curso de massagista esportivo (1 ano), o curso de técnico desportivo (1 ano) e educação física normal (1 ano)

não vista. Suas opiniões passaram a ser mais consideradas, seus assentos e representações nos órgãos colegiados mais respeitados e sua presença marcante. Nos primeiros anos do novo diretor, Waldemar Areno, que esperava contar com o apoio dos estudantes, esta participação foi extremamente marcante. O próprio Areno comenta no editorial dos 'Arquivos' de número 11 (1957):

*“ A Escola viveu no fim do ano letivo de 1956, uma fase de grande agitação interior, que culminou com a greve dos estudantes até o fim dos mês de janeiro de 57, quando, por delegação superior, foram realizadas as provas de verificação e os exames finais, o que acarretou, como é obvio, um retardo no início do ano letivo “(p.7).*

Qual teria sido o resultado se os estudantes não tivessem sua reivindicação atendida? Será que o tom do discurso seria tão ameno e conciliador, como se nada de tão grave tivesse ocorrido? Será que suas provas teriam sido realizadas com tanta disponibilidade? O fato é que a complacência para com ação dos estudantes modificou completamente a partir da greve.

Na verdade as posições de Areno podem significar um reflexo da confusão que possivelmente se instalara na hierarquia da ENEFD a partir da conquista de espaço pelos estudantes. Seu discurso transita desde uma posição conciliadora,

*“Esse compromisso regimental de publicação dos Arquivos encerra mais um ano intenso e proveitoso de trabalho, quando alunos e professores não viveram outros objetivos senão os de interesse da Escola, do ensino de bom nível e da conseqüente melhoria da formação universitária (ARENO, 1958, p.7).*

...passando pela preocupação com a ascensão do 'poder estudantil'

*“Há, é inegável, nos estudantes de hoje, em face mesmo de maré de renovação social, uma hipertrofia de direitos, melhor dizendo, de pretensos direitos, e de atribuições que excedem as que lhe devem caber durante o trato com os bancos acadêmicos” (ARENO, 1959, p.116).*

...e chegando até a proceder elogios rasgados, embora sob termos contraditórios, a ação do diretório acadêmico e dos estudantes.

*“ Devo abrir um parênteses, para dizer-vos que a sugestão para este ângulo do problema foi feita pelo nosso Diretório Acadêmico...Faço com satisfação e orgulho para que se saiba que os universitários da ENEFD, tem senso de equilíbrio, honestidade de propósitos e espírito de colaboração” (ARENO, 1959, p.19)*

Outra importante observação que marca a ascensão da influência dos estudantes é sua presença nos 'Arquivos'. Anteriormente somente aqueles que iam para olimpíadas ou competições oficiais tinham seus nomes lembrados. Nos 'Arquivos' a partir de 1957 já constantemente é possível perceber referências a iniciativas dos alunos e do diretório acadêmico. De fato, até mesmo discurso dos alunos passam a ser publicados. Primeiro as orações de formatura, depois saudações e participações nos órgãos colegiados, até mesmo o discurso de posse de José Augusto Cavalcante Cysneiros na presidência do diretório, e por fim seus trabalhos de pesquisa ganham o *status* de artigos.

O grau de consciência dos estudantes, pelo menos de seus representantes, pode ser sentido no discurso de posse de Cysneiros (1959). Foi um duro e denso discurso onde procede uma análise crítica dos rumos da formação universitária e da Educação Física no Brasil e da utilização do professor de Educação Física para fins ideológicos. Demonstra também grande clareza acerca da dificuldade e responsabilidade de sua função:

*“Via de regra, a posição do presidente do DA é entendida para muitos como um parabrisa, surgido da necessidade de harmonizar os entrecosques entre o corpo discente e o docente. Esta não é minha maneira de encarar o problema...pretendo ser intérprete fiel de vossas reivindicações, que os fados e vosso estímulo me permitam levar a bom termo a tarefa que me propus”*(CYSNEIROS, 1959, P.132).

E termina dando o tom das discussões e dos sentimentos que possivelmente permeavam professores e alunos naquele momento

*“ Creio na sua hierarquia, apenas como condição de uma positiva eficácia administrativa. Creio que muito se deve fazer para que mestres e alunos encontrem uma nova formulação para a UB. Creio que justamente a ausência dessa formulação, o não abandono do conceito tradicional e medieval, a não adoção de medidas mais condizentes com as novas realidades que tem infelizmente colocado alunos e professores em constante oposição”*(CYSNEIROS, 1959, p.132).

Não somente no interior da ENEFD, mas também no Brasil o movimento estudantil em Educação Física começou a se efetivar, fundamentalmente por ação dos estudantes do Rio de Janeiro. É no fim da década de 50 que se organiza a União Nacional dos Estudantes de Educação Física (UNEED), tendo como primeiro presidente Vinícius Ruas. Foi a UNEED que organizou o Primeiro Congresso de Estudantes de Educação Física, nas dependências da ENEFD. Realizado entre os dias 15 e 24 de outubro de 1957, contou com a presença de representantes do Rio Grande do Sul, Paraná, São Carlos, Minas Gerais e Distrito Federal, além de representantes da própria ENEFD. Entre as discussões se encontravam preocupações com a elevação do nível da formação, criação da cadeira de recreacionista e cursos de especialização entre outras. Sem dúvida, a UNEED e o Congresso são antepassados de nossa atual Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física e de nossos Encontros Nacionais de Estudantes de Educação Física.

Penso que a ascensão dos estudantes dentro da ENEFD e as primeiras tentativas de organização de um movimento de estudantes de Educação Física a nível nacional tenham um de seus marcos e grande estímulo na greve dos estudantes de 1957. Obviamente tanto a greve quanto os movimentos devem ter sofrido forte influência do momento histórico nacional geral em que ocorreram, onde os estudantes fortemente se organizavam e tinham presença marcante no cenário nacional. Mas penso que a greve tenha um outro significado, específico da (e para) área de Educação Física. A greve significou uma forma de afirmação do profissional de Educação Física.

Isso é, as principais forças não se encontram no contexto histórico geral do país, mas sim nos problemas internos que acometiam o grupo. A greve foi uma expressão da comunidade, uma forma de resistência, o resultado de uma necessidade de forjar um novo poder, não somente para os estudantes como também para a profissão de professor de Educação Física. Foi a busca de novos papéis para eles, estudantes, mas também para eles, futuros professores e professores já formados. A consciência de comunidade os fez romper

com algo que os professores de Educação Física da ENEFD ainda não tinham feito por motivos éticos ou por resultado da grande discriminação que sempre sofreram: a interferência primordial e direcional de outras áreas numa área que tentava se afirmar, conquistar espaço e legitimidade. A greve foi também, e primordialmente, resultado da afirmação, de orgulho ferido, de um grupo que se constituía.

Depois da presença de médicos e militares na direção da ENEFD, a insatisfação de alguns professores de Educação Física era latente e cada vez mais presente. Paulatinamente esses professores foram conquistando espaços, desde os órgãos colegiados, até supressão de condições que os mantinham em inferioridade, passando até mesmo pelo aumento de suas escolhas como patrono e paraninfo das turmas que se formavam. A Escola da Educação Física paulatinamente passou de militares para médicos e os professores de Educação Física pareciam dispostos, mesmo que de forma não deflagrada ou percebida, a tê-la sob o seu comando.

Veja bem que a reivindicação da greve não se ligava à busca de maiores assentos nos órgãos colegiados ou brigas com o corpo do professorado em geral. A reivindicação ligava-se diretamente a retirada de um diretor (médico) que não dava a devida atenção à Escola e ainda por cima dizia que essa não tinha nível para ser dirigida por ele.

Nada mais sintomático do que o apoio de um grupo de professores de Educação Física. Eles vinham sentindo há tempos as diversas formas veladas de preconceito e a greve vai ao encontro de seus desejos de mudar o rumo da ENEFD. A greve de estudantes de 1957 pode ter significado também os primórdios da conquista de espaço do profissional de Educação Física dentro de sua própria profissão. Conquista essa somente efetuada em maior grau nas décadas de 80 e 90. Dentro da ENEFD da época, a greve significou a conquista de inúmeros espaços:

Ao concluir esse estudo estou a esperar mais do que uma possível consideração de uma compreensão da greve dos estudantes de 1957. Mais do que isso espero ter ficado claro o meu esforço no sentido de redimensionar um fato por nós já quase esquecido e o esforço de análise que procura fugir dos padrões que consideram a realidade maior e os fatores sócio-econômicos como determinantes. Ao tentar analisar a dinâmica interna da greve dentro do contexto da ENEFD, espero ter contribuído para ampliar a compreensão de alguns dos movimentos que possivelmente impregnaram a nossa área de conhecimento na referida década. Ao estudarmos a história a partir da ação dos estudantes podemos entender que também eles fizeram e influenciaram na história e que nossa identidade não foi resultado apenas da ação dos grandes líderes, professores e dirigentes.

Há algum tempo venho desconfiando das classificações que insistem em imputar aos períodos anteriores à década de 80 características de suprema servilidade e unanimidade na forma de pensar. Mais do que isso venho desconfiando que grande parte das características e discussões que permearam a Educação Física da década de 80 encontram seus primórdios exatamente na década de 50 e 60. Para que vejamos isso basta que tentemos retirar a enorme venda que insiste em não nos permitir ver de formas mais múltiplas o nosso passado. E fatos como esse aqui apresentados, a partir do relato de quem os viveu ou dos mais diversos tipos de fonte, tem muito a esclarecer. E nós, militantes e ex-militantes do movimento estudantil em Educação Física, devemos estar cada vez mais atentos a essa necessidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARENO, Waldemar. Editorial. Arquivos da ENEFD, Rio de Janeiro, n.11, dez. 1957
2. \_\_\_\_\_. Editorial. Arquivos da ENEFD, Rio de Janeiro, n.12, dez. 1958
3. \_\_\_\_\_. Oração de patrono da turma de 58. Arquivos da ENEFD, Rio de Janeiro, n.13, jun. 1959.
4. \_\_\_\_\_. A Educação Física e seus problemas. Arquivos da ENEFD, Rio de Janeiro, n.14, dez. 1959
5. ARQUIVOS DA ENEFD. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Educação Física e Desportos, 1945-1961.
6. BURKE, Peter. **A escrita da História**. São Paulo: UNESP, 1992.
7. CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil - a história que não se conta**. Campinas: Papirus, 1988.
8. CYSNEIROS, José Augusto Cavalcante. Discurso de posse na presidência do DA. Arquivos da ENEFD, Rio de Janeiro, n.14, dez. 1959.
9. GONÇALVES, Jarbas. Depoimento. In: CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil - a história que não se conta**. Campinas: Papirus, 1988
10. HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
11. MATTA, Paulo Emanuel da Hora. Depoimento a Victor Andrade de Melo. Rio de Janeiro, 1995.
12. MELO, Victor Andrade de. Alberto Latorre de Faria e a Educação Física brasileira - uma biografia autorizada (mem. licenciatura). Rio de Janeiro: UERJ, 1993.
13. \_\_\_\_\_. História da história da Educação Física no Brasil - perspectivas e propostas para a década de 90. In: MEZZADRI, Fernando Marinho. Coletânea do II Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Ponta Grossa: UEPG, 1994.
14. PEREGRINO JÚNIOR, João. Discurso de posse de cátedra de Carlos Sanchez de Queiroz. Arquivos da ENEFD, Rio de Janeiro, n.6, jan. 1953.
15. \_\_\_\_\_. Editorial - após 17 anos de luta. Arquivos da ENEFD, Rio de Janeiro, n.9, jan./jun. 1956.
16. \_\_\_\_\_. Editorial. Arquivos da ENEFD, Rio de Janeiro, n.10, dez. 1956.
17. SOUZA, José Ignácio Alves de. Depoimento a Victor Andrade de Melo. Rio de Janeiro, 1995.

# MOVIMENTO ESTUDANTIL: HISTÓRIA E PERSPECTIVAS

*Ricardo de F. Lucena\**

Tratar o tema **Movimento Estudantil: história e perspectivas** é tão excitante quanto perigoso. Excitante porque há o reconhecimento de que foi o envolvimento com o movimento estudantil (ME) a minha grande escola ao longo da graduação em educação física. Foi no interior do ME que mais e melhor pude discutir e aprender sobre a educação física, os esportes e suas novas tematizações. Foi, sem dúvida, a partir dele que enxerguei para além dos restritos muros de minha faculdade, e assim pude me arriscar em novos rumos e em outras instâncias. Por outro lado é perigoso porque a palavra “perspectivas” sugere um exercício de futurologia que ao meu ver arrisca levar a abordagem, para outras plagas, distanciada de uma análise que considere os fatos passados problematizados pelo presente.

Portanto, para não ficar tentado a fazer previsões, ao longo desse texto, passarei pelas principais preocupações dos estudantes de educação física, materializadas nos ENEEF's através de seus temas centrais, vendo este (o ENEEF) como o momento maior de discussão, avaliação e deliberação do ME. Em seguida farei um passeio por um tópico que julgo pertinente, para a ação estudantil, hoje na educação física e que diz respeito ao ME enquanto momento de participação e qualidade política. Aqui muito mais no sentido de fazer “levantar a lébre” do que apresentar respostas. Também com o propósito de reafirmar um compromisso maior de quem se aventura nos caminhos da história, qual seja, de selecionar os fatos e com eles promover um diálogo duradouro entre o presente e o passado.

## O Eneef e seus Temas

Não foi por acaso que o ano de 1980 marcou o início dos encontros nacionais de estudantes de educação física (ENEEF) pois esse período foi o de reunificação da luta dos estudantes a nível nacional e também o de um arejamento das questões políticas até então abafadas e reprimidas pelo golpe de 64. Foi portanto, com muita determinação que realizou-se o I ENEEF, na Bahia juntamente com o 31º congresso da UNE, cuja temática não poderia ser mais apropriada: “CONJUNTURA POLÍTICA NACIONAL E A PARTICIPAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS ENTIDADES.(vide quadro em anexo).

Essa temática continuou sendo central e acompanhou o ENEEF de Goiânia (1981), de Vitória (1982) e Juiz de Fora (1983), vindo a sofrer modificação quando em Florianópolis (1984). A ação pedagógica na educação física passa a merecer uma atenção mais detalhada. “EDUCAÇÃO FÍSICA OU A ARTE DE ADESTRAR SERES HUMANOS” tem em si o germe da mudança no sentido de uma prática que vinha sendo anunciada por alguns trabalhos como o de MEDINA (E. F. cuida do corpo e...mente,1983)

---

\* Professor do Departamento de Desportos do CEFD/UFES

e Oliveira (O que é Educação Física.1983) e que encontrou terreno fértil para seu crescimento no seio do movimento estudantil, já bem descrente dos velhos conceitos (e práticas) da educação física brasileira. Essa temática vai ser melhor delineada no ano seguinte em João Pessoa (1985) quando da realização do VI ENEEF cujo tema: "PERSPECTIVA DE UMA NOVA PRÁTICA" define de uma vez por todas a ação em prol de um outro enfoque para a educação física brasileira, embalada pelo desejo de mudança do conjunto dos estudantes e pelos trabalhos e pesquisas de professores como Vitor Marinho de Oliveira, Lino Castellani Filho, João Batista Freire, Celi N. Z. Taffarel e alguns outros a quem peço desculpas por não citá-los nominalmente.

Caracterizou-se também o VI ENEEF por oportunizar a realização do I ENCONTRO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Encontro este que reuniu cerca de 100 professores de vários estados do Brasil como um gesto de desagravo aos encaminhamentos referentes a educação física feitos pela FBAPEF (Federação Brasileira dos Professores de Educação Física) e no sentido de uma maior aproximação entre o ME e a ação dos profissionais da área.

Porém, ao que me parece, o VI ENEEF se constitui também no "vértice dos ENEEF's. Pois a partir de então a temática se repete pelos anos seguintes (vide quadro em anexo) levando a um certo esgotamento de novas propostas e que vão culminar com uma tentativa de reorientação só no ano passado (1994) quando o próprio tema "RETROSPECTIVA E PERSPECTIVA" aponta para uma auto reflexão no ano que se comemora 15 anos de ENEEF. Este tema sugere, sem dúvida alguma, que só pela análise de sua organização poderá o seguimento estudantil reordenar seus passos no interior das Instituições de Ensino Superior (IES). O enfoque na história demonstra o desejo e a necessidade de tomar os rumos de uma discussão mais fértil. Embora tenha possibilitado a ação em outros sentidos, como por exemplo o tema deste caderno, o XV ENEEF não deu conta da discussão proposta principalmente pela forma como foi organizado.

### **Movimento Estudantil: Qualidade e Participação**

É preciso pensar o ME, e por consequência o ENEEF, como espaço político. Não estou aqui a falar tão somente da exatidão política tão presente nas discussões de muitos estudantes e professores universitários, mas entendendo aqui o político como "o espaço de atuação do homem, onde ele forma a si mesmo e molda as circunstâncias objetivas que o cercam" (DEMO,1991). Possível tão somente pela participação e comprometimento. Participação esta que implica na conquista de espaço e que deve ter inserção a nível de ação cotidiana nos cursos de educação física. Isto porque o estudante de educação física não pode e não deve se contentar em ser o aluno pré-fabricado, o discípulo, o assecla. Pode e deve incitar seus professores e buscar neles a postura de educador que investe sempre nas capacidades, nas iniciativas do educando para que este também seja um educador. Isso só é possível, volto a dizer, com a convivência, com a participação. Convivência e participação maturada no dia a dia e explicitada nas discussões e proposições feitas via ENEEF e encontros regionais.

O ENEEF, penso eu, deve ser também um momento de "síntese" da ação estudantil. De avaliação para uma (re)ação eficaz no âmbito das universidades. Mas será que isso tem acontecido ? O que na verdade tem se priorizado durante os dias de realização dos ENEEF's?

Se observarmos a programação de alguns ENEEF's veremos que com o tempo o mesmo passou da ênfase nos momentos de discussão e deliberação à ênfase na apresentação de temas livres. Se olharmos, por exemplo, a programação do VI ENEEF(1985) e do XV ENEEF(1994), ambos em João Pessoa(PB), veremos que rumos e sobre que ações se voltou o ENEEF. Enquanto que no VI ENEEF, além das mesas redondas, palestras, painés e comunicações, havia um espaço para plenárias deliberativas( no VI ENEEF foram 05) onde os estudantes debatiam desde a organização do ENEEF até as decisões da plenária final, passando pela discussão da conjuntura nacional. No XV ENEEF, afora a plenária final, os participantes do encontro se reuniram para encaminhar em conjunto propostas, principalmente no que tange a situação de políticas educacionais e políticas públicas de uma maneira geral. A ênfase recaiu sobre a apresentação de temas livres e cursos; que têm sua importância mas nem por isso devem impossibilitar a realização do debate fértil que as plenárias proporcionavam. E sendo o encontro deliberativo, é essencial que os estudantes possam participar dos debates em vários momentos. Ou será que as deliberações do ENEEF já não importam aos estudantes de educação física?

O ENEEF deve ser a instância máxima do ME da educação física e para tanto deve procurar se diferenciar (e isso não implica em isolamento) de outras reuniões no âmbito da educação física (CONBRACE, por exemplo), para que se caracterize mesmo como encontro de estudantes, aberto aos profissionais mas voltado essencialmente para as preocupações discentes inseridas na realidade que nos cerca. E que preocupações são essas? - Sem querer assumir aqui uma postura professoral acredito que alguns temas como currículo; ações conjuntas entre UNE, DCE e DA e política universitária devem estar na ordem do dia. Penso que uma questão pertinente também é a ênfase cada vez maior na figura do "estudante pesquisador". Está virando moda se "engajar" numa pesquisa e sair por aí sendo ventríloquo de professor. Não sou contra o envolvimento com a pesquisa na graduação. Ao contrário, acho mesmo que é importante para o discente essa relação com a pesquisa, mas há que se ter uma certa atenção, pois nenhuma pesquisa surge do acaso ou serve ao acaso e isso não pode ser desconsiderado. O estudante, por seu lado, deve procurar não ser apenas um "tarefeiro", mas na medida do possível ser o primeiro crítico dos objetivos da pesquisa.

Assim, ao discutir a história do ME na educação física, é preciso refletir sobre a relação "estudante e universidade" e sobre que tipo de "movimento" queremos. Acredito que só assim será possível definir novas temáticas sem perder de vista a força de inserção social radicada no Movimento Estudantil.

### Quadro dos Eneef's e seus Temas

ENEEF	TEMA	LOCAL	DATA
1° BAHIA	Conjuntura Política nacional e a participação dos profissionais de EF nas entidades.	SALVADOR	maio/80
2° GOIÁS	Conj. nacional e a EF de base. Legislação e currículo.	GOIÂNIA	setembro/81
3° ESPÍRITO SANTO	Política nacional. Democratização da Universidade. Legislação, Currículo e Mercado de trabalho.	VITÓRIA	setembro /82
4° MINAS GERAIS	EF na sociedade	JUIZ DE FORA	setembro/83
5° SANTA CATARINA	EF ou a arte de adestrar seres humanos	FLORIANÓPOLIS	setembro/84
6° PARAÍBA	Perspectiva de uma nova prática	JOÃO PESSOA	agosto/85
7° PARANÁ	EF diante da realidade brasileira: reprodução ou transformação?	CURITIBA	julho/86
8° RIO DE JANEIRO	Existe uma outra EF?	RIO DE JANEIRO	julho/87
9° PERNAMBUCO	Condições para uma nova prática.	RECIFE	agosto/88
10° ESPÍRITO SANTO	A EF avançou?	VITÓRIA	jul/agos/89
11° SERGIPE	O corpo da EF.	ARACAJU	jul/agos/90
12° SÃO PAULO	EF: aberta para balanço.	SÃO PAULO	jul/agos/91
13° RIO DE JANEIRO	EF: Sonhos e realidades	RIO DE JANEIRO	agos/92
14° GOIÁS	EF: onde anda a educação?	GOIÂNIA	julho/93
15° PARAÍBA	Retrospectiva e perspectiva: EF libertação ou submissão?	JOÃO PESSOA	setembro/94

# XIII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: MOVIMENTO ESTUDANTIL E CIÊNCIA

*Prof. Marcelo Guina Ferreira e  
Prof. Marcos Avellar do Nascimento\**

*“ No dia 7 de agosto realizou-se a referida plenária final (...).  
Foram aprovadas as seguintes deliberações: (...); 3- apoio ao projeto do  
prof. César Leiros (Bahia) que visa resgatar a história do movimento  
estudantil de educação física...”*

## **Introdução**

O presente texto, originalmente, destinava-se a uma publicação cuja intenção era registrar os principais eventos ocorridos no âmbito da Educação Física em 1992. O fato de que o Encontro Nacional de Estudantes de Educação Física (ENEFF) foi lembrado para constar em uma tal publicação, nos motiva a retomá-lo, considerando a necessidade de registro histórico daquele importante episódio do Movimento Estudantil (ME) de Educação Física (EF). Vale ressaltar que a oportunidade para este registro, surge a partir de iniciativa do próprio movimento (com este caderno de debates) o que enaltece esta contribuição.

O texto, portanto, deve ser lido sob a ressalva de que é uma adaptação de sua versão original, produzida em circunstâncias históricas passadas.

Todavia, esta característica é precisamente a chave para a compreensão desta contribuição, afinal, ela relata um momento em que o ME de EF, buscando redimensionar sua prática política, reestrutura seu Encontro Nacional, visando acompanhar as novas perspectivas históricas a serem enfrentadas. Perspectivas estas que permeiam o atual contexto do ME de EF e, daí, a possibilidade de relacionarmos passado e presente deste movimento, como condição para seus futuros avanços e conquistas.

## **Reestruturando o ENEFF: A Busca de Novas Perspectivas na Política e na Ciência.**

O Encontro Nacional de Estudantes de Educação Física é o fórum máximo de deliberações do movimento estudantil de educação física. Dele participam estudantes de educação física de todo Brasil com direito a voz e voto nas deliberações do Encontro.

---

\* Os autores foram diretores do CAEF/UERJ; membros da ExNEFF (Gestão 1991/1992) e membros da comissão organizadora do XIII ENEFF.

Será valioso para a compreensão do processo que desembocou no XIII ENEEF, uma breve reflexão a cerca do que poderíamos chamar de “herança” do movimento estudantil em geral, e também, em particular, do ME de EF, na virada da década de 80.

Os primeiros ENEEFs ainda referenciavam-se, fortemente, no modelo de atuação do movimento estudantil dos anos 60 - 70, cujas circunstâncias levaram os estudantes de então a um enfrentamento com a ditadura militar, culminando na impossibilidade de debates acadêmicos ou mesmo reuniões estudantis não clandestinas.

A partir de 1979 é reaberta a UNE, o movimento reorganiza-se, ressurgem os encontros estudantis. Enfim, surgem novas perspectivas históricas para o ME. Todavia, suas atuações, como já dissemos, permaneciam significativamente atreladas a antigos modelos de política estudantil. Tal situação levou as novas gerações a buscarem novas referências de atuação política, haja vista as novas condições históricas que enfrentavam.

Nesta busca de novas referências, o ME de EF, do ponto de vista estrutural, iniciou uma reorganização dos ENEEFs. Estes, no entanto, em que pese o esforço de alguns militantes, Centros e Diretórios Acadêmicos, em função de recursos limitados (entre outros aspectos) no geral estiveram aquém do seu real potencial de mobilização.

A falta de uma estrutura organizativa e de marketing, de uma programação cultural sólida e a existência de mesas com conteúdos por vezes descontextualizados, formavam uma dinâmica pouco atrativa para os estudantes, e ineficaz para a construção de novas alternativas políticas para o ME de EF. Paulatinamente, porém, o ME de EF foi identificando estas problemáticas e procurando saídas que redimensionassem a estrutura dos ENEEFs.

Por força disso, no XII ENEEF (Universidade de São Paulo - 30 de julho a 4 de agosto de 1991), este movimento chega ao consenso de que era preciso mudar temáticas e dinâmicas do Encontro, visando um salto qualitativo do mesmo, tendo em vista: 1º- um flagrante desenvolvimento da produção científica na área, sobretudo a partir da década de 80, o que exigia elevar, significativamente, a qualidade acadêmica do Encontro; 2º- renovar alguns paradigmas de atuação do movimento, dando conta do novo tempo histórico e seus novos sujeitos políticos.

A partir destes novos sujeitos formava-se a base da construção de uma concepção de ME que não dicotomizasse ciência e política, considerados princípios fundamentais para uma proposta de ENEEF com maturidade acadêmica e engajamento político. Esta perspectiva começa a se consolidar já no XII ENEEF, no qual foi aprovada como base política para o XIII ENEEF (Universidade Federal do Rio de Janeiro - 2 a 7 de agosto de 1992). Numa iniciativa pioneira, o Encontro foi fundamentado com base em documento elaborado por acadêmicos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Gama Filho, que apontava não só os pontos considerados de extrema importância serem modificados, mas também fundamentava as formas para viabilizar as mudanças.

O trabalho prosseguiu com a aprovação da estrutura do Encontro, o que ocorreu no Conselho Nacional de Entidades de Educação Física - CoNEEF, na Universidade Federal de Santa Maria (outubro de 1991). Decidiu-se que o XIII ENEEF seria composto de mesas redondas, temas livres, vivências e atividades culturais. Passamos a analisar cada uma delas em separado.

As mesas redondas estimularam o debate teórico referente as temáticas do evento, apontando diretrizes a serem investigadas e/ou implementadas por professores e estudantes.

A mesa intitulada “Corporeidade na Atualidade Brasileira”, relacionou-se a parâmetros biológicos, sócio-culturais e teológicos. A discussão desvelou que o corpo tem sido visto e tratado na atualidade brasileira, de acordo com as questões de classe social, e que existe o privilégio da classe dominante no que tange a corporeidade.

A abordagem referente à mesa “Ocupação do Tempo Livre do trabalhador”, enfocou a relação trabalho-tempo livre no capitalismo, apontando o nível qualitativo com que o tempo livre vem sendo empregado na sociedade. Concluiu-se ser preciso compreender com que magnitude de eficiência a educação física tem atuado ou poderá vir a atuar no lazer da classe trabalhadora.

O debate desencadeado a partir da mesa “Relação Teoria e Prática em Educação Física”, apontou uma dicotomia entre ambas, sendo preciso compreender esta relação segundo a dialética, visando a práxis.

As discussões acerca da “Ecologia e Cidadania: Realidades e Perspectivas” nos mostraram que, no capitalismo, o desporto burguês vem agredindo de forma contundente o meio ambiente, causando danos ao ecossistema. Neste contexto, o exercer da cidadania seria sufocado pela estrutura social dominante, como uma das formas de se impedir o desenvolvimento de consciência crítica por parte da população.

A mesa denominada “Panorama dos Estudos Científicos e Reflexões Epistemológicas em Educação Física no Brasil de Hoje”, questionou o conceito de ciência, considerando este século como o da crise do conhecimento, destacando-se a crise em nível cultural-mundial. Neste contexto observou-se um crescimento da EF no Brasil quanto a pesquisa e produção de conhecimento. Enfocou-se ainda, os meios para a produção de conhecimentos, estrutura de poder da pesquisa e difusão da mesma.

Já na mesa “A importância da Área Biomédica na Formação do Ser Humano”, buscou-se debater o papel das ditas ciências biomédicas em EF. Diagnosticou-se, basicamente, a necessidade de caminhos que contextualizem socialmente, a contribuição desta área na vida do ser humano, visando superar a influência da mesma para a prevalência do paradigma da aptidão física.

Em relação aos temas livres, quando tomamos como referencial os encontros anteriores, percebemos considerável aumento no número de trabalhos apresentados. Aliás, o XIII ENEEF teve pelo menos três vezes mais temas livres do que o XII. Nos trabalhos apresentados a preocupação central foi com a práxis pedagógica do professor de EF, Assim, o ensino, formal ou não-formal, esteve quase sempre contemplado nas discussões. Destacaram-se as seguintes temáticas: tendências pedagógicas, classe social favorecida/desfavorecida, EF e mudança social e ainda currículo. Sendo focado sob diferentes óticas, o desporto também mereceu especial atenção no que concerne a sua inserção societária e, diante desta, as implicações políticas do mesmo. Complementando as principais temáticas da apresentação de temas livres, lembramos as abordagens que enfocaram possíveis relações entre EF e Saúde.

Uma ramificação da apresentação de trabalhos foi denominada vivência. As vivências foram ministradas tanto por professores quanto por acadêmicos, abordando temas tais como: capoeira, teatro e vivência corporal, badmington, educação física adaptada, macroginástica, dança de salão, ginástica aeróbica e futebol.

Objetivando-se promover o intercâmbio entre acadêmicos de EF de todo Brasil, realizaram-se atividades culturais. Dentre as várias propostas destacamos as apresentações de manifestações folclóricas das diversas regiões do país, feitas pelas próprias delegações, a

apresentação de grupos de dança, atividades esportivas e, no dia livre, do passeio turístico pela cidade do Rio de Janeiro.

Dentro da estrutura do XIII ENEEF, não poderíamos deixar de citar a plenária final. Esta ocorre tradicionalmente no último dia do encontro, sendo fundamental para a reflexão avaliativa e/ou prospectiva do movimento estudantil da educação física.

No dia 7 de agosto realizou-se a referida plenária. A pauta foi a seguinte: 1- avaliação e propostas do XIII ENEEF; 2- revisão do estatuto da Executiva Nacional dos Estudantes de Educação Física (ExNEEF); 3- escolha do local do próximo CONEF; 4- escolha do local do próximo ENEEF e 5- eleição da ExNEEF.

Foram aprovadas as seguintes deliberações: 1- tendo em vista as proposições do prof<sup>o</sup> Dr. Alfredo G. de Faria Júnior, o ME de EF participaria do núcleo de resistência ao projeto Brasília Olimpíada 2000; 2- apoio ao movimento do impeachment de Collor; 3- apoio ao projeto do prof<sup>o</sup> César Leiros (Bahia) que visa resgatar a história do movimento estudantil de educação física; 4- realização de pré-eneefs por escolas, a cargo dos CAs e DAs, preparando os estudantes para discussões e debates do ENEEF propriamente; 5- que o ENEEF seja realizado sempre em conjunto com entidades científicas de EF e outras áreas; 6- revisão do Estatuto da ExNEEF; 7- próximo Coneef será na Universidade Estadual de Maringá, entre 5 e 7 de setembro de 1992; 8- próximo ENEEF será na Universidade Federal de Goiás; 9- eleição da ExNEEF-Gestão 92/93.

Consideramos o XIII ENEEF um momento importante do ME de EF, um ponto de “ruptura”, haja vista que neste encontro tivemos a oportunidade de demonstrar que o movimento estudantil pode realizar um encontro com tamanho e qualidade, nada ficando a dever a outros eventos da área.

O XIII Encontro, embora ainda apresentando algumas falhas de ordem estrutural, principalmente em decorrência de questões financeiras, conseguiu contribuir significativamente, para um salto qualitativo da inserção do ENEEF no contexto da produção acadêmica/científica em educação física no Brasil.

Isto foi retratado não apenas através do nível de discussão observado nas plenárias e demais trabalhos do encontro, mas também na aproximação que ocorreu entre sua comissão organizadora e entidades de renome no universo da educação física, como o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte e a Sociedade Brasileira para o Desenvolvimento da Educação Física.

O título 'Sonhos e Realidades' não poderia ter sido mais preciso para o XIII ENEEF. No sonho do Encontro estava presente a tentativa de realizar não só um bom evento acadêmico, mas também conjugá-lo com a manutenção da rebeldia contestadora do movimento estudantil. Tal fato se evidencia nas profundas aspirações observadas no encontro, as quais, invariavelmente, identificavam-se com mudanças radicais, o que leva o ENEEF a ter um inegável e salutar sentido de crítica e luta anti-capitalista.

Assim, ressaltamos a importância de reestruturarmos o ENEEF neste momento de reorganização da sociedade civil brasileira. Aquela reestruturação no esteio desta reorganização, segue passo a passo a sociedade que, em pouco mais de uma década (anos 80) já demonstrou que, em condições de democracia (ainda que formal), pode ser terreno fértil onde cresça a cidadania popular, a vida artística, intelectual e política do país, o livre debate de idéias e ideologias, bem como formas de resistência aos preconceitos e discriminações.

Parte integrante e ativa desta sociedade civil, os ENEEFs, anualmente, tornam-se momento de fundamental importância para os estudantes de educação física, posto que é lugar de sonhos que perspectivam uma sociedade justa e igualitária, bem como uma EF alinhada com estes ideais.

## Considerações Finais

A partir do que foi exposto, pode-se tecer as seguintes considerações.

Primeira. Acompanhando uma situação própria do ME geral, também o ME de EF viu, em fins dos anos 90, esgotar-se um modelo referencial de atuação política estudantil, ainda muito atrelado ao modelo dos anos 60-70. Neste sentido é que compreendemos certa “ineficácia” da estrutura organizativa de seus Encontros Nacionais.

Segunda. Na busca de alternativas o ME de EF identificou, entre outras, as seguintes problemáticas a serem enfrentadas: falta de uma estrutura organizacional e de marketing mais sólida; inexistência de uma programação cultural efetiva; mesas com conteúdos descontextualizados; superficialidade no tratamento de questões de gênero, raça e religião.

Terceira. Na busca de alternativas de atuação política, e enfrentando as questões acima citadas, o ME de EF, sobretudo a partir do XII ENEEF (UFRJ-1992), encaminhou-se na direção da contextualização de sua prática política no âmbito da pesquisa e produção do conhecimento em educação física, agora não apenas refletindo tardiamente os efeitos desta, mas intervindo na mesma de maneira mais efetiva, demonstrando sua vontade de unir, dialeticamente, ciência e política, como práticas sociais caras e inalienáveis para o ME.

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

Este resumo foi produzido com base no relato informal de militantes e nos anais do XIII ENEEF que estão em processo de elaboração pela Comissão de Divulgação e Documentação da ExNEEF, e que serão oportunamente publicados. Gostaríamos de agradecer o apoio dos professores Alfredo G. de Faria Júnior e Paulo de Tarso Farinatti para a elaboração deste texto.

# MEEF: SONHAR E LUTAR!

*Humberto Luís de Deus Inácio\**

## Qual é a Minha...

Quando recebi o convite para escrever um artigo sobre a história e as perspectivas do MEEF me senti muito feliz: poderia contribuir novamente com um movimento do qual fiz parte durante alguns anos ! Para tanto, havia algumas formas de fazê-lo e, depois de alguma reflexão, decidi elaborar uma breve avaliação da caminhada do MEEF ao longo dos últimos quatro anos - exatamente o período em que participei do movimento .

Esta avaliação pretende ir desde a questão dos temas livres até o compromisso verdadeiro, desinteressado, de colegas que não hesitavam em permanecer num CoNEEF até as 3 horas da manhã - enquanto a festa rolava a mil. Não seria possível, contudo, que eu elaborasse este ensaio como sendo o relato de um observador à parte, neutro, sem participação no que está sendo avaliado; com certeza, a todo momento, estarei me incluindo entre os avaliados, seja para criticá-los ou para elogiá-los, buscando colocar ao MEEF alguns dos pontos mais críticos que vislumbrei ao longo desses anos.

## **Eneef's - Das Discussões Políticas ao Academicismo Exacerbado?**

Em 1991, ao participar pela primeira vez de um ENEEF, em São Paulo-USP, tive a oportunidade de presenciar um grupo de pessoas discutindo não só os rumos de um curso de graduação, mas também as políticas de ensino de um país. “Meu Deus -pensei!” Quem é esta gente que sai de suas casas, suas faculdades, suas cidades, e vem para cá discutir assuntos de interesse nacional? Como pode essa gente ousar pensar que estes cinco dias de discussão vão resolver alguma coisa num país (des)governado como é o Brasil? Bem, isto aconteceu lá pelo segundo dia de ENEEF, e não foi só comigo, mas com um “monte” de gente com que conversei. Lição nº 1: nos terceiro, quarto e quinto dias daquele encontro estávamos, eu e os outros colegas das interrogações acima, discutindo, participando, acertando e errando, mas convictos então de que aquele era um momento único, maior, de “*carregar as baterias* “ para a luta que se fazia (faz) necessária no dia-a-dia de cada um de nós, em nosso âmbito possível de inserção e transformação social. A confirmação dessa convicção veio com o próximo ENEEF, no Rio, quando todos nos encontramos lá, com outros discursos, com mais maturidade, com novas leituras não só das suas realidades regionais, mas com um entendimento diferenciado sobre Educação Física e, sobretudo, de MEEF - estava estabelecida a lição nº 2.

---

\* Prof. Substituto Depto Metodologia Desportiva - UFSC  
Mestrando em Educação - UFSC

Apesar de levar meu nome, muitas pessoas colaboraram na redação deste artigo. A elas, pela ajuda desinteressada e pela amizade sincera, muito obrigado!!!

Entretanto, aconteceu no ENEEF-92-Rio um fenômeno, talvez esperado mas não refletido, de um verdadeiro derrame de apresentações de temas livres: colegas de todas as faculdades do país, ávidos em socializar(?) suas construções particulares, encheram as salas da UFRJ, mas também encheram a festa no Bar da Galega e as camas durante as manhãs dos dias seguintes, enquanto plenárias rolavam no auditório. Mas a avaliação deste processo não aconteceu aí, e nem aconteceria com maturidade pois se tratava de um fato novo, inédito. No ENEEF-93, em Goiânia, o fenômeno cresceu e no outro, em João Pessoa-94, atingiu seu ápice, seu clímax, num orgasmo viril a derramar temas livres, oficinas, cursos e palestras para um número recorde de participantes. Deu-se então, durante o próprio encontro, uma série de avaliações, pessoais e coletivas, favoráveis e contrárias, polarizando o debate sobre um ENEEF “técnico” ou um ENEEF “político-pedagógico”. Não me cabe aqui listar os pontos ditos e contraditos naquela “batalha”, pois os mesmos podem ser encontrados nos documentos daquele encontro. Todavia, acredito ser necessário voltar a perguntar: são válidas as apresentações de temas livres, a inclusão de cursos e oficinas, em um momento de “recarregar as baterias”? Que conseqüências isto traz ao MEEF? As batalhas históricas por um ensino público, gratuito e de qualidade não estarão sendo postas de lado em função de um espaço maior para o discurso técnico? Tentarei dar algumas respostas, verdadeiras para mim, talvez incorretas para um leitor mais atento.

É preciso deixar claro, antes de mais nada, que não vejo o discurso acadêmico como algo a-político. Os temas pesquisados, as metodologias utilizadas e o alcance social das pesquisas indicam claramente o posicionamento político-pedagógico do pesquisador. Por isso não se pode dizer que os temas livres, cursos e oficinas nos ENEEFs não são políticos. O que se deve ter em mente, acredito, é que estas apresentações não podem se distanciar do objetivo primeiro dos ENEEFs, ou seja, de discutir as políticas públicas de ensino, as transformações na Educação Física, os casos específicos e gerais das faculdades, os currículos, as avaliações, os procedimentos, bem como a defesa dos direitos da sociedade e dos cidadãos. Assim, as comissões científicas, responsáveis pela seleção dos temas a serem apresentados, não deveriam aceitar temas tais como “O efeito da “paradoxina” (ou outra “ina” qualquer) na performance muscular de ratos de laboratório”. O que teria a ver uma pesquisa desta com um movimento comprometido com transformações sociais na direção de uma sociedade mais justa e fraterna? É esta a questão que me parece crucial quando se discute a cientificidade ou não em um encontro nacional.

Outra questão, extremamente importante, e que tem ligações com a discussão sobre temas livres e cursos nos ENEEFs, é a seguinte: será que os estudantes de Educação Física do Brasil “reconhecem” o objetivo primeiro dos ENEEFs? Será que o próprio MEEF não tratou de modificar este objetivo e, se isto aconteceu, não terá sido porque esta mudança foi ao encontro dos desejos e interesses dos acadêmicos, muito mais ávidos em conhecimentos técnicos que em debates e conferências político-pedagógicas? Deixo estas reflexões para que o movimento as aprofunde.

## O Meef Hoje...

Historicamente, não só o MEEF, mas todos os movimentos estudantis tinham uma forma bastante igual de atuação, suas bandeiras de lutas eram as mesmas e seus representantes eram ligados a partidos de esquerda, marginalizados ou não. O MEEF é bastante novo. Apesar de seu recém-comemorado “debut”, já passou por inúmeras

transformações. No fim da década de 70 e início da década de 80, o MEEF estava junto aos movimentos populares que lutavam pelas “Diretas já”; tinha membros que participavam a nível nacional da UNE; promovia ENEEFs eminentemente políticos. Muitos membros do MEEF daquele tempo, são hoje profissionais de renome nacional, com atuações relevantes em partidos políticos, prefeituras populares e destaque no mundo acadêmico. Entretanto, ao longo destes 16 anos de MEEF, muita coisa mudou.

Quando se fala em mudanças dentro de um determinado setor, como por exemplo o ME, via de regra, faz-se uma análise restrita das questões, limitando a discussão ao âmbito regional ou institucional em que estão inseridos os que fazem essa análise. Contudo, não podemos esquecer que não são apenas setores específicos que passam por transformações. Toda a sociedade, brasileira e mundial, sofre mudanças radicais e de forma rápida. Essas mudanças são provocadas pelas novas teorias de administração, pelos novos fetiches, pela massificação de desejos, pelas transformações nos modos e meios de produção industrial. Um dos resultados desse processo é a desestruturação dos movimentos sindicais, das lutas estudantis, ou melhor, da sociedade civil como um todo, pois a mesma não consegue acompanhar o ritmo das mudanças, transformando seu discurso em algo arcaico e ultrapassado.

No meu modo de ver, o MEEF está alterando, nos últimos quatro anos, significativamente, sua forma de atuação: o movimento está participando de ações conjuntas com movimentos de outros cursos, está elaborando cadernos de debates para socializar discussões, tem procurado realizar o maior número de encontros regionais possíveis para que um número cada vez maior de alunos tenha acesso a debates e conheça pessoalmente o Lino, a Celi, o Poeira, a Carminha, o Vitor - e todos os que contribuem compromissadamente com as transformações da Educação Física Brasileira. O MEEF tem buscado também alterar a forma de atuação da Executiva Nacional-ExNEEF, procurando ter sempre algum de seus membros presente nos encontros regionais, nos CoNEEFs, ampliando a participação das bases nas deliberações maiores. Assim, me parece que há uma reformulação geral, no sentido de não perder o trem da história sem, no entanto, relegar aos museus as históricas reivindicações por um país melhor, com educação, saúde, moradia, comida, lazer e prazer para todos.

De qualquer forma, acredito que ainda não é o suficiente para um movimento com a qualidade que tem o MEEF. Por isso, deixo algumas questões a serem refletidas com mais profundidade pelo movimento:

- Um retorno a participação em fóruns nacionais (a UNE, por exemplo), não é tarefa a ser retomada?
- O papel e a atuação dos representantes discentes nos colegiados, em cada instituição, como sendo a base das reivindicações acadêmicas, não deveria ser discutido com mais ênfase nos fóruns maiores (CoNEEFs e ENEEFs)?
- Não seria importante estabelecer algumas metas comuns (avaliação permanente, por exemplo), a nível nacional, a serem buscadas dentro de cada instituição pelos Cas, Das e representantes nos colegiados?
- Oficializar, a nível de currículo, a participação no ME, seria algo viável, possível? Essa proposta, colocada no último ENEEF, não deveria ser discutida com maior amplitude?

## Para Onde Vamos?

Procurei, com poucas palavras, para não “encher muito o ...”, deixar clara a minha visão a respeito do atual MEEF. Contudo, existe uma pergunta que é justamente o tema deste caderno: quais são as perspectivas do MEEF? Para onde e com quais objetivos vai se dirigir? Bem, taí uma questão difícil de responder; o máximo que me é possível fazer é um pequeno exercício de futurologia, não como os profetas de fim de ano do Fantástico, mas buscando prováveis indicadores da direção que o movimento irá tomar.

Para começar, é necessário lembrar que o contexto histórico dos dias de hoje é bastante diferente do que era alguns poucos anos atrás. Saímos(?) do mundo da produção em massa, seriada, para o mundo das células de produção e da automação, onde a qualidade do produto é mais importante que a quantidade. A qualidade total tornou-se a meta de todos os segmentos da sociedade: indústrias, consultórios médicos, associações, igrejas, educação, etc. Vai o MEEF ficar para trás? Vai a educação pública ficar para trás? Bem, a ExNEEF já começou sua caminhada nesta direção ao executar seu “planejamento estratégico”, na gestão 94/95. Já sei que muito do que foi planejado não foi possível de ser executado, o que reflete exatamente o significado de falar em qualidade total num país com 40 milhões de miseráveis. Esta meta, do jeito que é posta por empresários, pela mídia e pelo Estado, só serve para poucos muito bem abastados, privilegiados por políticas neoliberais. Os outros, que venderam a preço de banana seu suor e sua vida, continuam e continuarão à margem deste processo. Ao MEEF, bem como a todos os setores críticos da sociedade, cabe analisar este processo e buscar formas de transformá-lo no sentido de atender a todos, marginalizados ou não, na conquista da cidadania.

Será possível empreender tal viagem? Será possível reverter processos de acumulação de bens e capital em qualidade de vida para todos? A sociedade civil, organizada ou não, chegará a alguns de seus objetivos? Ao fazer estas perguntas e, olhando o mundo que se apresenta a minha volta, devo me confessar descrente. É muito difícil acreditar que a luta estudantil, dos sindicatos, dos movimentos organizados, terá fim um dia, após termos conquistado, todos, a cidadania tão exaltada. Entretanto, sou um sonhador, daqueles que sonha acordado e busca no cotidiano um mundo melhor, diferente. Acredito, piamente, que o MEEF é feito por pessoas assim. Enquanto houver um Mano, um Guina, uma Zél, um Vitor (Bahia), um Guego - a lista seria grande demais para caber neste caderno de debates - haverá uma esperança de mudanças; enquanto houverem lutadores como esses, o MEEF não morrerá nem perderá sua identidade política, mas caminhará firme, atrás de seus propósitos. Cada um escolhe seu caminho individualmente, mas os caminhos trilhados em grupo são mais amenos, os sacrifícios são partilhados (bem como as vitórias)! É por isso que estas pessoas não se importam se a festa rola lá fora enquanto a discussão parece enfadonha e sonolenta no CoNEEF, ainda que sejam duas ou três horas da manhã. É porque estas pessoas sonham juntas, vivem juntas, lutam juntas!

O objetivo primeiro dos ENEEFs deve ser resgatado. Nem que, para isso, seja necessário promover encontros nacionais com 200 ou 300 participantes. Mas que se garanta presença nas plenárias, debates anteriores sobre os temas, compromisso com

O que dizer mais? Talvez reafirmar, mais uma vez, minha certeza de que o MEEF tem muito a contribuir com as transformações desejadas por nós, seja influenciando acadêmicos para um olhar mais crítico, seja participando de movimentos mais amplos. Esta é a perspectiva para os próximos anos: *sonhar e lutar, sonhar e lutar, sonhar e lutar!!*

# CENTRO ACADÊMICO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ALBERTO LATORRE DE FARIA E O MOVIMENTO ESTUDANTIL NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: A GESTÃO 1992.

*Carlos Fernando Ferreira Cunha Júnior  
Hajime Tackeuchi Nozaki\**

O presente trabalho visa contribuir para o registro histórico do movimento estudantil de Educação Física no Brasil, no sentido de proporcionar elementos para a reflexão acerca da formação política dos discentes de tal disciplina acadêmica.

Assim, pretendemos elaborar neste texto um breve relato de acontecimentos que promovemos na gestão 1992 no Centro Acadêmico de Educação Física Alberto Latorre de Faria (CAEFALF), dentro do Instituto de Educação Física e Desportos (IEFD) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tentando evidenciar nossas lutas políticas neste período.

Iniciamos nossa participação no ME no ano de 1991, com a grata satisfação de ter como coordenadores (do então CAEF) Marcos Avellar do Nascimento e Vitor Andrade de Melo, além da contribuição de Marcelo Guina Ferreira. Gostaríamos de ressaltar naquela gestão a importante formação política que recebemos junto à tais companheiros.

Na gestão de 1991 merece destaque a escolha, por meio de plebiscito, do nome do professor Alberto Latorre de Faria para o até então Centro Acadêmico de Educação Física (CAEF), personalidade aquela importante em diversos movimentos reivindicatórios da história da Educação Física brasileira. A escolha do nome do professor Latorre representou para nós uma orientação paradigmática da atuação do profissional de Educação Física na sociedade.

Em 1992, eleitos pela Chapa “Onde você for, eu vou com você”, que adquiriu significativa representatividade junto aos estudantes e aglutinou o maior número de participantes (23), assumimos a Coordenadoria Geral do CAEFALF, juntamente com Coriolano Pereira Rocha Júnior.

A primeira tarefa que nos incubimos foi a organização estrutural do CAEFALF, projetando para este a já citada Coordenadoria e mais 6 departamentos: finanças, divulgação e material, eventos sócio-culturais, esporte, projetos acadêmicos e movimento estudantil. Para efeito de esclarecimento, o departamento de movimento estudantil tinha a função de uma “relações exteriores” com o resto do ME por todo país, informando-nos os acontecimentos e discussões pertinentes dos vários companheiros do Brasil.

Merece destaque o departamento de projetos acadêmicos. Neste departamento tentamos implementar uma prática de pesquisas, no sentido do resgate e do embasamento teórico do ME. Entendíamos a importância da orientação teórica para a construção da prática militante.

---

\* Professores de Educação Física licenciados pelo Instituto de Educação Física e Desportos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IEFD/UERJ).

Outra preocupação inicial era a conquista do espaço para a nossa sede, além de sua viabilização econômica. A partir da resolução do problema do espaço, que foi conseguido com muita luta junto a diversos órgãos da Universidade, instauramos um processo de licitação para a ocupação da sede que continha, além da sala de reuniões, uma lanchonete e uma máquina copiadora. Esta sede foi a de maior espaço conseguido até hoje, e a primeira com recursos para a impressão (copiadoras) e com um lucro revertido ao ME. Através do levantamento destes recursos, pudemos alcançar maior autonomia no que diz respeito a representação do CAEFALF por todo país, elaboração de eventos e apoio ao ME de um modo geral.

A partir daí, realizamos neste período eventos significativos tais como:

a) III Ciclo de Palestras, na continuação dos outros dois realizados em anos anteriores, que objetivou, assim como os outros, trazer para o IEFD discussões político-pedagógicas não comumente travadas pela maioria dos seus docentes, propiciando aos estudantes a apresentação de seus trabalhos na forma de Temas livres.

b) Jogos internos do IEFD - um evento que a partir de 1991 procurou dar um tratamento crítico, solidário e participativo a manifestação esportiva, assim como servir de laboratório para os futuros docentes.

c) XII Encontro Nacional de Estudantes de Educação Física (ENEEF) - que foi realizado em conjunto com os Diretórios Acadêmicos da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Gama Filho e que representou, na nossa opinião, um marco qualitativo na história dos ENEEFs.

Além disso, conseguimos lançar o primeiro número do “Jornal do CAEFALF” que contou com artigos sobre história do ME, sessão de poesias e uma convocatória geral para o XIII ENEEF.

O ano de 1992 foi um ano rico em acontecimentos políticos para o Brasil e para o Rio de Janeiro em particular. Fatos como o Impeachment de Collor de Mello, a luta pelo repasse integral de verbas do estado para a UERJ, e a greve na Universidade, foram acompanhados e apoiados pelo CAEFALF e por estudantes do IEFD. Não podemos deixar de ressaltar, por exemplo, a participação efetiva de nossos companheiros nas passeatas a favor do Impeachment de Collor e na verdadeira “invasão” da UERJ na Assembléia Legislativa do estado do Rio de Janeiro (ALERJ), o que ficava evidente através da visualização contrastante de nossos uniformes (o curso de Educação Física na UERJ utiliza uniforme). Isto sem falar nas agressões sofridas pelo colega Edson Chianca quando denunciava numa das assembleias no período da greve a aplicação de uma prova de anatomia para alunos do IEFD, da reivindicação incessante para a construção de um bandeijão e da luta pela implantação do voto paritário na Universidade.

Contudo, nossa luta dentro do IEFD encontrou enormes barreiras que dificultaram a realização de objetivos que trazíamos conosco desde 1991. A prevalência de um majoritário setor conservador que se concretizava-se no Conselho Departamental (CONDEP), impediu o nosso desejo de uma melhor e renovada qualidade do ensino para a graduação e para o crédito desportivo, a implantação de um processo de avaliação docente, a transparência nos processos de seleção de estagiários e monitores, o incremento de atividades científicas no Instituto, assim como a retificação (aumento) da representação estudantil no CONDEP. Isto porque, na gestão, perdemos o direito de três representantes neste Conselho, reduzindo-se a dois conselheiros o corpo estudantil. Tal fato se deve a uma atitude arbitrária da direção do IEFD, que desconheceu inclusive deliberação de órgão superior da

Universidade (Conselho Universitário) que garantia a presença de três acadêmicos como número correto da representação estudantil.

No entanto, a principal contribuição que gostaríamos de deixar para os colegas do ME vai no sentido de referendar a importância da formação política da categoria discente através de um embasamento teórico de esquerda.

Nós mesmos, por diversas vezes, encontramos dificuldades em orientar as ações políticas do ME devido a falta de uma maior fundamentação teórica, apesar de termos travado inúmeras discussões entre os alunos da nossa universidade.

Neste sentido existem algumas questões fundamentais que deveriam nortear o ME: para que fazemos ME? Que perspectivas de universidade e de mundo devemos buscar quando de nossas ações no movimento? O que devemos buscar em termos de formação para os estudantes atuarem, tanto na graduação como enquanto profissionais? Até que ponto temos que entender o desejo do corpo discente como autêntico e espontâneo-ou sendo influenciado por ideologias propagadas por grupos conservadores da sociedade, tornando nossa obrigação revelar os interesses de classe subjacentes?

Portanto, concluímos a necessidade de se promover dentro do ME práticas sistematizadas de grupos de estudos de fundamentações filosóficas e sociológicas das ações dentro do ME. Então, faz-se importante a realização de grupos de estudos que possam prioritariamente resgatar a história do ME, além de buscar discutir com bases sócio-filosóficas os posicionamentos políticos tomados por este movimento.

Neste prisma, merece um elogio iniciativa tomada pelos editores desta publicação, que sem dúvida, já está contribuindo para a formação teórica de que falamos.

**EXECUTIVA NACIONAL DE ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
COORDENADORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Praça 20 de Setembro, 281 - Centro**

**Pelotas, RS CEP: 96015-360**

**Tels: (0532) 22-3795 e 22-3411**

**Fax: (0532) 22-3795**

**Bitnet: CEPE@BRUFPEL**